

1ª Capitulo.  
-----

( Ruido de sapos e páss. )

- Badéco - O que é que mecê anda fazendo por aqui, nhô Lotério?
- Eleuterio - Ando procurando o rancho da nhá Chica, Badéco, Ouvi dizer que hoje ha uma grande festança e você sabe: onde ha arrasta pé eu estou sempre.
- Badéco - Mas oie que por aí mecê tá tomando o caminho errado. Esta estrada vae largá lá na lomba da capoeira. Mecê vai fazê uma volta grande, depois prá chegá.
- Eleuterio - Pois eu vim por aqui porque no armazem me disseram que era só contornar a lagoa pela direita que eu ia dar lá direitinho.
- Badéco - É gente bem malyada esses diabo. Insinuando errado os pobre dos vinte. Prá mecê intorná essa lagoa toda levava a noite intera e num chegava lá.
- Eleuterio - O que é que eu tenho que fazer, então?
- Badéco - Mecê venha junto cumigo que eu tombem já vô prá lá.
- Eleuterio - Perfeitamente. Assim é melhor porque não ha perigo de eu me perder.
- Badéco - Deis de uma veiz que mecê venhamo meu perto esse perigo num hay. conheço isso a parmo. Tombem, criado aqui.
- Eleuterio - O baile já deve ter começado ha muito tempo.
- Badéco - Deisde cedo. As festa lá no rancho da nhá Chica cumeçum deis da vespri e só vai triminá, dois, treis dias depois.
- Eleuterio - Com certeza deve estar muito cheio aquilo lá.
- Badéco - Tá que ocê nem dismagina.
- Eleuterio - Você já esteve lá?
- Badéco - Toda a tarde. Já dansemo que injuemo.
- Eleuterio - E o que é que você anda fazendo aqui por estas paragens?
- Badéco - Tive nicissidade de saim do baile. Cuidado esse arame aí, seu Lotério num vá rasgá suas carça.
- Eleuterio - Não tem perigo, eu já me defendi. Botei o pé no molhado, capaz que tenha sujado a bainha da calça.
- Badéco - Isso num faiz mar porque a gente vorteia o rancho e ocê vai limpá lá na beraça da cacimba inhante de intrá. Bamo garrá por esses caminho aqui que fica mais perto. (Cessam os ruidos dos sapos e grilos)
- Eleuterio - Imagine só: o caminho completamente diferente do que me ensinaram.
- Badéco - Marvadeza. Pur aqui fica munto mais perto. Passano ali aquele capãozinho já nois temo avistando o rancho da cuja.
- Eleuterio - Eu ia vir a cavalo, mas o seu Dico disse que não havia necessidade, que era muito perto eu me botei a pé. Mas olhe que já estou caminhando ha muito mais de meia hora.
- Badéco - Foi prucê le relataro o caminho errado, sinão mecê já tava lá ha munto tempo. É quistã de deiz, quinze minuto deiz da vila inté lá.

- Você nunca foi lá?
- Eleuterio - Passei por lá uma vez de automóvel, mas faz muito tempo. Capaz que a velha nem se lembre de mim.
- Badéco - Si ela le viu uma vez num se esquece mais. Pode se passa-se cem ano, duzentos ano que ela se alembra ingual.
- Eleuterio - Pois eu mal me lembro da cara dela. Sou capaz de não reconhece-la.
- Badéco - Não é difirce não. Você olha a cara, mais feia, mais amassada, você já sabe que ela é. É é muié disbocada, misiricórdia.
- Eleuterio - Deve estar muito velha. Quando eu passei por aqui a ultima vez, eu tenho uma vaga lembrança de que ela já era uma mulher velha. Fazem muitos anos que eu não viajo para esta zona, logo isso foi ha uns dez ou doze anos passados.
- Badéco - Pois é verdade, ela tá mais véia, mais ricem agora é que tá pensano em se casá.
- Eleuterio - É brincadeira sua.
- Badéco - Brincadera nada. O véio Delfonso, que é visinho dela naqueles campo lá da bande direita, perdeu a muié dele numa operação dos figo, faziz cuma dois meiz, puis a veia já tá fazeno um cerco tão grande que o veio inté já tá quereno se acuiará. (Começa-se a ouvir ao longe o som de uma acordeana e o ruído de vozes que aumentam pouco a pouco)
- Eleuterio - Escuta, Badéco, está muito longe ainda?
- Badéco - Não, já temo quagi lá. Você apure o ovido que já dá prá sinti as voiz dos cujo.
- Eleuterio - (após uma pausa em que as vozes se ouvem um pouquinho mais acentuadas) É, sim, já estou ouvindo até o som da gaita.
- Badéco - Isso tá um fandango lá que tá uma beleza.
- Eleuterio - Escuta aqui, Badéco, vou ter perguntar uma coisa em segredo: A Rosa, a moreninha aquela do rancho dos girasóis, está na festa?
- Badéco - Puis tá, puis ela é a fia da veia Chica. Mas mecê tome cuidado que o Missia tá lá, o noivo dela, e aquilo é cabra munto marvado. Prá cortá um, num anda cum vorta.
- Eleuterio - Pois eu vou lá só por causa dela.
- Badéco - Você ova o conseio de um amigo, nhô Lotério. Você num se meta que vai dá fervo na certa. Uma vez só porque ele adescunfiô que ela tava oiando munto pro cabo Marcelino deu tanto pranchasso de facão nesse pobre vivente que o cujo foi pará uma porção de dia lá no hospitá. A véia Chica memo num faiz gosto, mais num contrareia porque arrespeita ele.
- Eleuterio - É, mas comigo a coisa pia diferente porque o pau de fogo está aqui mesmo e quando ele se coçar eu já fiz furinhos no corpo dele.
- Badéco - Você tome cuidado, nhô Lotério. Aquilo é traçoero como cobra. Tô le avisando.
- Eleuterio - Não tenha cuidado, Badéco. (ouve-se latidos de cão. As vozes tornam se mais nitidas)
- Badéco - Já temo chegano. Você tome cuidado, num dexe esse cusco se aproximá que ele tem a mania de pulá nas perna da gente e pôde xujá as suas carça. (Ouve-se novamente o latido do cão mais proximo)
- Ildefonso - (a voz ainda distante do microfone) Para quêto, Bixiga, Cala essa boca cusco.
- Eleuterio - Ó de casa!

- Ildefonso - Se aproxime-se, quem é?
- Badéco - Semo nois cumpadre Derfonso. Eu e nhô Lotério.
- Ildefonso - Puis antão pôde vim que a festança tá aqui memo. (As vozes em al-gazarra e a gaita já estão proximo do microfone. Ouvem-se piadas de todos e o arrasta pé dos dançadores.)
- Chica - O que foi isso, nhô Badéco, mecê desapareceu da festa di repente?
- Badéco - Puis é verdade, tive nicissidade de sair.
- Chica - Caminha vai danzá que as moça tão chocando mecê de longe que nem ja-caré quano chóca os ovo.
- Badéco - Dexa elas esperá, nhã Chica. É bão quano a gente se jurga um mucado.
- Chica - Não acho bão nada. Acho munto feio os moço jurgado. Vai danzá com nhá Prendinha que a coitada faiz tempo já que tá parada.
- Badéco - Óia aqui, ynhã Chica, mecê conhece esse moço?
- Chica - Kavê. A cara memo num me parece instranha.
- Eleuterio - Eu já estive aqui na sua casa uma vez, ha muitos anos.
- Chica - Me arrecordo agora, sim. Viajante, num é?
- Eleuterio - Exatamente. Naquela ocasião eu viajava para uma casa de calçados.
- Chica - Agora nũm tá mais lá?
- Eleuterio - Não senhora, agora sou vendedor de gazolina.
- Chica - Entonce é de tá sem tê o que vendê pruguê num hay gazulina nem pros isquero. Puis tá munto bem, mecê faiz de conta que tá na sua casa. O rancho é pobre mas prá mecê se adiverti penso que dá.
- Ildefonso - Cumo é, nhã Chica Inácia, mecê dexa a gente prum canto e vem batê lingua cum os moço, num é veia assanhada?
- Chica - Dexa de dizê bobage, nhô Derfonso. Ocê num teja falano essas beste-ra que o moço é a premera veiz que vem aqui no rancho da gente.
- Eleuterio - Por mim não tem importancia, não, dona Chica, eu sou é do brinquedo.
- Ildefonso - Puis intão porveite a garre uma potranca dessas pulas anca e vá sa-cudi ela aí no meio da sala. Trate de mariá bem a cuja porque senão ocê tá robado.
- Chica - Presenta ele pras moça, nhô Derfonso.
- Ildefonso - Num percisa, nhã Chica. Ele óia anssim de riba escolhe o pelo, ati-ra o laço e apiala ela pulas pata trazera.
- Chica - Óie, o nhô Badéco já tá se rebolando com a Delor. Sáfado, semvergo-nha, eu disse prele que fosse danzá com a Prendinha.
- Ildefonso - Dexa o rapaiz danzá com a moça que ele quizé, nhã Chica. Num tem graça ocê inscoiê os par pros otro.
- Chica - Bueno moço, ocê tá na sua casa. Quereno tomá uns trago de pinga boa, umas chupada de chimarrão, é só chegá ali na cusinha e pidim.
- Eleuterio - Está muito bem, muito obrigado.
- Chica - Vô buscá uma novia dessas pra ocê danzá.
- Ildefonso - Num vai nada, nhã Chica, que mania que tem ocê...Dexa o rapaiz. Ele vai tirá a que ele quizé. (Para a musica. Palmas algazarra)

- Inez - Óia pissuá, a Ritóca vai cantá.
- Ritóca - Te assucega Ineiz, num vô cantá coisa nenhuma.
- Chica - Canta sim, Ritóca, a saude do meu arreverssario.
- Ritóca - Mas eu não sei cantá nada dereito, nhá Chica.
- Inez - Num sabe o que, Ocê tá fazeno aligancia.
- Ritóca - Bobage, aligancia pra que?
- Inez - Puis si não é, entonce cante.
- Ildefonso - É isso memo, Ritóca, cante. Cante prá mostrá que ocê é distrucida.
- Ritóca - Puis vô cantá. Chama o Babão cá viola dele prá me acompanhá.
- Chica - Babão, ó Babão! Adonde é que tu tá, diabo?
- Badéco - O Babão tá na susinha bebendo canha.
- Chica - Chama ele. Diz pre ele vim acumpanhá nhá Ritóca na viola dele.
- Inez - O que é que você vai cantá, Ritóca?
- Ritoca - Quarquê coisa.
- Inez - Pôde pro Varisto que ele acumpanha mecê. Ele tombem sabe tocá bem.
- Ritóca - Num quero. O Varisto tá cumversando com a Rosinha e eu me ageito mais melhor co Babão. É ele sempre que me acumpanha.
- Babão - Quem é que tá me chamano aí?
- Chica - Fumo nós que mandemo chamá prá ocê acumpanhá a Ritóca na viola que ela vai cantá.
- Babão - Bamo simbóra. É só dá o tã e sai que eu alicanço. Qual é o tã, n nhá Ritóca?
- Ritpoca - Quarquê tã.
- Babão - Antão pôde sortá. (Ritóca canta uma canção sertaneja, acompañada ao violão sendo muito aplaudida ao terminar)
- Ildefonso - Munto bem, Ritóca, gostei de ouvim. Mecê tem munto sentimento prá cantá.
- Ritóca - Agardecida, nhô Deffonso. São gentilidades de mecê.
- Ildefonso - Gentilidade nada. Justicia. ~~Mu~~ cá sô home munto dereito. Quano gosto digo, ~~tombem~~ quano num gosto invacaio logo.
- Chica - Rosinha minha fia, vem cá.
- Rosinha - O que é mamão?
- Chica - Vem cantá mecê tombem que a Ritóca já cantô.
- Rosinha - Ara, mãe, eu num quero. Tô lá cumversando cum Missia, mecê sabe que ele num gosta que eu dexe ele.
- Chica - O Missia que dese de sê bobo. Mecê tem que cantá porque eu quero, ariessa. Friguntá quem é que canta aqui no meu terrero.
- Rosinha - Tá bem, si mecê faiz quistá eu canto. Mas péra aí um mucado que eu vô lá avisá pre ele.
- Eleuterio - Boa noite, Rosinha. Vocês nem me cumprimentou. Está zangada comigo?
- Rosinha - Num sei porque, ariessa. É que eu tava sobestrada nem vi que meocê

- tava aí. Discurpe, num foi pur mal.
- Eleuterio - Está desculpada, mas não faça isso outra vez que eu fico triste.
- Rosinha - ( atrapalhada ) Mecê me dá licença, nhô Lotério, que eu vô avisá o Missia que eu vô cantá.
- Chica - Caminha, Rosinha, vai duma veiz e vorta logo.
- Ildefonso - É uma gustuzura essa minina, nhá Chica. mecê divia tê mandado ela prá móde instudá na cidade, cunfulme eu sempre le dizia.
- Chica - Cale essa boca, nhô Derfonso, dexe de dizê bestera. Ela tá munto bem anssim cumo tá. Mandá a minha fia prá cidade pra ela dispois vortá de lá com a boca tuda bizuntada de vermeio e tá se envergonhando de quem deu a luiz préla? Nada disse. Fio de rocero tem de ficá é na roça memo. Cada macaco no seu gaio, nhô Derfonso, sempre uvi dizê.
- Ildefonso - Foi uma lasti. Agaranto que ela arranjava um dotô pra si casasse. M Mecê num acha moço?
- Eleuterio - Acho que mesmo assim como ela foi educada, qualquer moço da cidade gostaria de fazer o seu ninho ao lado dela.
- Chica - Bueno, bamo dimudá de assunto que ela vem aí de vorta e eu num quero que ela ova essa cunversa e meta purcaria na cabeça.
- Ildefonso - Como é, Rosinha, já avisô o Missia?
- Rosinha - Avisei, sim sinhô, Ele num ficô munto sastifeito, mas como era a mãe que quiria...
- Eleuterio - E ele não vem ouvir você cantar?
- Rosinha - Ficô chupando amargo, lá no garpão. Ele num gosta de me uvi cantá.
- Inez - ( gritando ao longe ) Como é, Rosinha, vai saí ou não vai saí essa canturia? Num vai fazê feio, oia que a Ritóca feiz um bunitão.
- Ildefonso - Ela vai cantá sim. Espera aí um mucado.
- Babão - Mecê qué que eu le acumpanhe, tombem?
- Rosinha - Num é perciso, dexe que eu mema acumpanho.
- Ildefonso - Entonce bamo vê. ( Rosinha canta ao violão )
- Rosinha - Quano é noute de fêstança  
eu pégo no meu violão  
não arrespeito criança,  
nem véio, num marmanjão.  
Atiro o meu disafio  
prá quarqué um que quizé  
seja véio, seja moço,  
seja home ou muié. ( Palmas, gritos, vivas )
- Chica - Agora é que eu quero vê si arguem se alvorá. O disafio tá aí. Essa minha fia é minha fia memo. Valente e atirada iguar que a mãe dela.
- Ildefonso - Eu como véio gaitero  
num queria me metê.  
ia dexá mais premero  
um dos moço arrespondê  
mas eles tudo arreceia  
de dizê quarqué bobage  
si é que os moço tão cum medo  
hay um véio de corage. ( Palmas gritos, vivas. )

- Chica - Óia só o véio cumo se saiu-se. Os moço divia de metê a cabeça num saco. Ficaro tudo imbatucado e quem sacudiu a reposta foi um véio. Esse véio é guapo memo de verdade. É pur isso que eu tô quagi arre-sorvida a juntá os nossos trapo e os nossos campo.
- in Rosinha - Pois eu fico burricida de tê um véio pra palcero. Pelferia o desafio com quarqué moço sortero Fra dizê tudo que eu sinto dos home, drento de peito. Num posso dizê prum véio porque é farta de arrespeito. ( Palmas, gritos, vivas )
- Badéco - Tá boa a pegada, tô gostando de vê. A Rosinha é distrucida e o véio num é pinto, não.
- Babão - Apégada é dura, o véio percisa pisá bem os estrivo pra não levá uma rodada.
- Ildefonso - Póde dizê sem receio tudo que mecê quize que eu vô parti pelo meio um coração de muié, Prá amostrá pra meceis tudo que não é mintira, não, dentro do coração dela só se encontra ingratição. ( palmas risos vivas )
- Badéco - Muito bem, é isso memo. Arretruque quem pudé.
- Chica - Esse véio tá me saino um bão safado!
- Rosinha - Dentro do coração dela só se encontra ingratição é o que mecê afiança e eu num le digo que não mas si eu fô abri o peito de quarqué um marmanjão inda é pió praque nele num se encontra coração. ( Palmas gritos, vivas )
- Inez - Aí, Rosinha, isso memo. Amostra que nós temo colidade.
- Babão - O véio agora tá trapaiado pra arrespondê.
- Chica - Baño vê, nhô Derfonso, bamo vê. Sacode essa de riba do lombio.
- Ildefonso - Ocê me deu uma reposta que eu memo num esperava mas eu sô que gosta quano o carro perde as trava vá siguindo em desparada que eu sigo no meu tranquinho mas cuidado com a vorteada na berada do caminho. ( Palmas risos, vivas. )
- Ritóca - Aí, Rosinha, arretruca.
- Chica - Disapelta os coldão da bóta, minha fia. Amostra que tu é fia da tua mãe.
- Rosinha - Não percisa tê cuidado com a rodada da carreta, eu já tô acostumada não me assusto de careta se um redomão não consegue fazê nem eu me assustá não ha de sê um burro véio que vai no chão me atirá. ( Gargalhadas, palmas- vivas )
- Chica - Uai, minha fia o que é isso? Ocê tá desofendendo o cumpadre Derfonso.

- Como é que mecê se astreve a chamá ele de burro véio? Foi essa a inducação que ocê arrecebeu?
- Rosinha - (quasi chorando) Tá aí, tá vendo? Por isso que eu num quiria cantá. Foi a sinhora memo quem feiz.
- Chica - Ocê pôde cantá sem disofendê ninguém. Isso é munto feio. Quem faiz isso é moça sem inducação. O cumpadre num tá sastifeito, não. Oia a cara dele só.
- Eleuterio - A Rosinha não teve intenção de ofender. Isso foi tudo uma brincadeira.
- Ildefonso - Bueno, mas a gente pôde brincá sem machucá os otro que tá perto. Eu posso sê véio, aconcordo, mas burro eu num sô.
- Chica - Caminha vái pidim discurpa pra nhô Derfonso, anda.
- Rosinha - Descurpe, nhô Derfonso, eu num disse prá disofendê mecê.
- Idelfonso - Tá bão, tá discurpada, num se fala mais nisso.
- Babão - Bamo vê, pissuá, vamo continuá as dança. Tá tudo aí com cara de pe-murchas.
- Chica - Manda aí o gaitero tocá quarqué molodia e pôde impeçá otra veiz a danzá. E tu caminha, lá pra perto do teu noivo inhante que ele venhe aqui fazê fervo e eu tenho que me aburrecê. (rompem a gaita e o violão numa polquinha lá de fóra. Todos fazem algazarra e começam a dançar)
- Badéco - Qué danzá cumigo, nhá Ritóca?
- Ritóca - Pruqueê mecê num vai danzá com nhá Prendinha? Ela é que gosta de danzá cum mecê.
- Badéco - Que dizê que ocê num gosta?
- Ritóca - Eu num queria dizê isso, mas tombem eu num quero que nhá Prendinha dispois fique burrecida cumigo.
- Badéco - Eu num tenho nada cum ela, num hay rezão de ficá. Bamo danzá duma veiz.
- Ritóca - Credo, numpuxa a gente anssim. (A polquinha é o ruido das vozes vão se afastando lentamente até servirem de fundo para o dialogo que segue).
- Eleutério - Rosinha, espere um momento.
- Rosinha - Credo! que susto me deu!
- Eleuterio - Não ha razão para isso, m mais assustado ando eu. Queria que me prestasse uns minutos de atenção.
- Rosinha - Mecê num vá levá a mal de eu lhe arrespondê que não mas o meu noivo me espera ali naquele garpão. Si me visse aqui sosinha conversando com mecê Meu Deus! Nem se o que ele era capaz de fazê.
- Eleuterio - Rosinha, não faça isso de recusar-me atenção vim á esta festa arrastado pela voz do coração. Ele te busca incessante, desde o instante em que te viu porque foi a tua presença que lhe trouxe nova crença

- e um novo amor refloriu.  
Não creio que você queira  
Trazer-me infelicidade?  
Ponha os seus olhos nos meus  
e veja que estou falando  
com toda a sinceridade.
- Rosinha - Essas palavra bunita  
no fundo tudo é uma fita  
de voceis, lá da cidade.
- Eleuterio - Não diga isso, Rosinha.
- Rosinha - O coração advinha  
quando num deve querê  
Mecê que tá costumado  
cum tanta moça bunita  
daquelas lá da cidade  
num hay de sê aqui na roça,  
dentro da minha paioça  
que é de achá filicidade.  
Vorte prá sua querença  
e me dexe aqui anssim  
ocê qué que eu le aquêrdite  
prá dispois - si me pelmite -  
inde se ri-se de mim.
- Eleuterio - Oh, Rosinha, por quem é, n<sup>o</sup>  
não creia que haja má fé  
em tudo quanto lhe digo  
quero que venha comigo,  
que seja minha mulher.  
Você verá como a vida  
sorrirá pra dois os dois  
teremos nossa casinha,  
um jardinsinho florido  
e eu viverei esquecido  
do mundo, por teu amor.  
Não seja másinha assim.  
Vamos, dize-me que sim,  
responde sim, por favor.
- Rosinha - Não fale mais, eu le peço,  
que sem querê já cumeço  
a aquêrditá no que diz.  
Eu vivo aqui tão filizi!  
O meu noivo me qué tanto...  
Não fale mais, por favô  
não me premeta um amô  
que póde me causá planto.
- Eleuterio - Rosinha, não ha razão  
de ter receio, eu lhe juro,  
o meu amor é o mais puro,  
não ha porque regeita-lo  
Vamos, arranje um cavallo  
e fujaamos sem demora.
- Rosinha - Mecê qué me levá agora?  
Mas e a festa? E nhô Messia?  
Minha mãe enloquecia  
e o remolso me matava.
- Eleuterio - Rosinha não seja escrava  
de um homem a quem não ama. ( Ildefonso  
ouve-se ~~maxxamam~~ gritar duas vezes  
ROSINHA! ROSINHA)
- Rosinha - Parede que arguem me chama.  
Espere aaui por favô.

- Eleuterio - Espero sim, minha vida, espero sim, meu amor! (ouve-se a voz chamar novamente)
- Rosinha - Tô aqui, Quem é que me chama?
- Babão - (longe) É nhô Derfonso que qué que ocê venha escuitá ele cantá.
- Rosinha - Já tô indo, nhô Babão, já tô indo. (as vozes vão se aproximando e se tornam mais nitidas pouco a pouco) Minha Nossa Senhora que me oxilie. Eu num sei o que é de fazê. (as vozes se aproximam totalmente) Pronto, tô aqui, o que é que meceis qué?
- Ildefonso - Fui eu que mandei chamá mecê prá móde escuitá uma modinha que eu vô cantá. Mecê aperceia tanto essas coisa.
- Rosinha - Tá munto bem, nhô Derfonso. O que é que mecê vai cantá?
- Ildefonso - Vô cantá o xororó. Isso eu cantava quano era mocinho. Inda me lembro de uma serenata que eu dei prá falcida e ela gostô tanto que inté chorô. Etá eu e o Pedro Retaca no violão. O Derfrides na f frauta e o falcido Juco Choco no cavaquinho. Tombem num havia quem não gavassee as nossa serenata. Eu no meu tempo fui cantadô e dos bão, o que é que oceis pensa. Hoje tô munto acarcanhado, as galgenta tá cos galgomilo meio intupido, mas porem puxano, puxano inda sai quarqué coisinha.
- Chica - Dexe de tá aí impatando tempo, nhô Derfonso que todo o mundo já viu que ocê sabe cantá memo. Num faiz munto ocê tava aí cantano desafio cá Rosinha. Cante logo e dexe de coisa.
- Ildefonso - Bueno, entonce eu vô cantá e meceis faiz o coro na vorteada.
- Ritóca - Tá, nhô Derfonso, fazemo.
- Inez - Eu ajudo tombem.
- Chica - Todos nois ajudemo. Principeie entonce, no más.
- Ildefonso - Lá vai. ( Ildefonso canta o Xororó, acompanhado ao violão fazendo os outros o coro. Ao terminar é muito aplaudido por todos)
- Ritóca - Munto bem, nhô Derfonso, muito bem, mecê num fica devendo nada prá munto moço bunito que se tem por cantadô.
- Ildefonso - Isso é gentilidade de mecê.
- Ritóca - Ara que, num diga isso.
- Ildefonso - E mecê o que me diz, nhá Rosinha, gostô?
- Rosinha - Gostei muito, nhô Derfonso. Mecê tem tanto sentimento prá cantá que eu quagi que inté chorei.
- Ildefonso - Mecê diz quagi e enxuga os óio? Mecê tá chorano, Rosinha.
- Rosinha - ( chorando ) É que a cantiga era tom triste. Tá bão eu vô lá pro garpão que o Missia tá me esperano. ( sai correndo)
- Chica - ( depois de uma pausa ) Cumpadre, ocê sabe que eu tô cismada com a Rosinha? Essa porquera tá murdida.
- Ildefonso - Qual o que nhá Chica, é que a pestinha se acomoveu-se ca cantiga e num pôde intravá o planto. Isso ás veiz acuntece.
- Chica - Eu cunheço a minha cria deis que ela naceu, nhô Derfonso. Isso aí tem coisa.
- Inez - Quem sabe si o Missia não feiz alguma instupideiz prá coitada?
- Chica - É capaiz, é bem capaiz. Eu fiz ela vim aqui cantá, ele num gosta.

- Tombem era só o que fartava que ele quizesse marcá o meu gado na viria inhante de sê dono dele. Aqui no meu galinheiro foi sempre a galinha véia que cantô e inda tá pranacê o galo que ha de me butá dos pulero prá baxo. Ele pôde butá, num digo que não, mas tem que suá um mucado.
- Ildefonso - O que me pela na cumadre Chica é essa inelgia que ela tem.
- Chica - Escuita aqui Badéco, vai dá uma ispiada lá no garpão, bombeia bem o geito do Missia e vem me contá o que é que ele tá fazendo prá Rosinha.
- Badéco - Tá bem, nhá Chica.
- Chica - Si ele martratá a pestinha nois vamo tê buxinxo grosso.
- Ildefonso - E é rezão de tê memo. Uma minina criada com tanto mimo, cum tanta vontade. O falicido pai num havia o que ele num fizesse prá agradá ela.
- Chica - E eu? Mecê qué mais do que eu tenho fazido pre ela? Esse namoro me- mo oce bem sabe que nunca foi do meu agrado. Nunca tive sastifação nele. Só dei memo o meu cunsentimento prue cumo o pai fazia todas as vontade pre ela a gente num contrareia. Mas ele sabe que eu num gosto dele. Nóis não se quadremo. Ele me óia sempre de ponta e eu tombem tô sempre oiando atravessado pra ele. Mais dia menos dia eu tô vendo que vai se da-se.
- Ildefonso - Num paga a pena, fazê arrelia, nhá Chica Inácia. Ela memo foi que inscoiou ele, logo vai se acuiará cum ele prue qué.
- Badéco - (Vindogdealongo, fmeio em segredo, afobado) Nhá Chica! Ô nhá Chica, óia, óia aqui uma coisa que eu vô dizê pra mece.
- Chica - Fala duma veiz, rapaiz, o que é que tu tem? O que foi que tu viu?
- Todos - O que foi Badéco, fala.
- Badéco - Óia aqui, nhá Chica, eu fui lá no garpão, arredeei anssim por di- traiz, e espiei nas fresta dos junco. Nhá Rosinha num tava lá. Ta- va só o Missia, mateando com o Varisto, o Dico pernetta e a veia Colotirdes. Aí eu saí a campia pro lado do popo num vi ninguem, fui inté a portera, num tinha ninguem, me aproximei do açude e a senhora nem dismagina o que foi que eu vi, nhá Chica, a senhora nem dismagina.
- Chica - Qué vê que a Rosinha se atirô-se no açude?
- Badéco - Pió, nhá Chica, munto pió.
- Chica - ( aflitissima) O que foi que tu viu, diabo, fala, fala duma veiz.
- Todos - Fala Badéco.
- Badéco - Eu vô falá, espera um mucado.
- Chica - Tu qué que eu te rebente a tua cabeça? Faça duma veiz sinão tu vai apanhá.
- Badéco - A Rosinha tava anssim na berada do açude, de mão agarrada cum seu Lóterio e ele falando baxinho nus uvido dela.
- Chica - Misiricórdia! Essa pestinha perdeu o juizo!
- Inez - Si o Missia chega a sabê!
- Ritóca - É capaiz inté de matá os dois.
- Chica - Ele bem me parecia que tava chocano ela com os ólho. Deis di já ho- je que eu tava cuidando. Cadê ela, Badéco, adonde é que ela tá? Bamo lá. Bamo lá que eu num vô dexá esse moço se adiverti a custa da minha fia. (Ouve-se um assobio que se aproxima) Para aí parece

- que ele vem aí.
- Badéco - Num é, nhá Chica, é o Missia.
- Inez - (baixo) Misiricórdia!
- Missia - Uai! Que é que ocois tem que tá tudo com essas cara assustada? Cade a Rosinha?
- Chica - A Rosinha foi agora memo lá pro garpão. Si disincontro-se de ocê.
- Ritóca - (baixo) Mintira, Missia, tá na berada do açude conversando com aquele moço da cidade.
- Chica - Ocê inspera aí um mucado que eu vô chamá ela.
- Missia - Num sinhora. Mecê fica aqui. Quem vai chamá só eu memo. (passos se afastam)
- Chica - É agora compadre Derfonso que é que nois bamo fazê? Esse home tá tonto. Mecê viu os óio dele como briava?
- Ildefonso - É mió o Badéco, que sabe adonde ela tá, sai por aqui resterinho e i lá chamá ela. Ele percoura ela no garpão, não encontra, quando ele vortá ela já tá aqui outra veiz.
- Chica - É isso memo. Vai, lá Badéco. Vai lá e chama ela digero prá cá.
- Badéco - (medroso) Nhá Chica...mecê me adiscurpe...num é porque eu teje cum medo, mas mecê vê, num é, eu num tenho nam um caniveteinho no bolso. Vamo dizê que uma cobra quera me merdê...hay tanta cobra perto do açude... (ouve-se a voz de Messias longe)
- Messias - Farsos! Infame! Ocois vão me pagá.
- Rosinha - (num grito que é uma suplica ao mesmo tempo) Não, Missia, não!  
(ouve-se um estampido acompanhado de um grito agudíssimo de Rosinha). (um cão ladra na escuridão da noite).
- Chica - (após uma pausa - quasi em tom de suplica) Minha Virge da Misiricórdia!
- Ildefonso - Qual dos três é que terá murrido?!...
- SPEAKER - (Após uma pausa em que se ouve apenas o ladrido do cão) Ouçam a continuação deste programa na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje. O capitulo de hoje teve a seguinte distribuição:

Chica Inacia.....Carmen de Alencar.

Ildefonso.....Roberto Lis.

Eleuterio.....João Bergmann.

Badéco.....Claudio Real.

Inez.....Liney de Andrade.

Ritóca.....Branca Margarita.

Babão.....Carlos Moré.

Rosinha.....Liália Maria.

Messias.....Edmundo Lis.

(Irrradiado em 27/8/43.

" NO RANCHO DA CHICA INACIA "

2º Capítulo

( CARACTERISTICA MUSICAL FORTE? ENFRAQUECENDO DEPOIS PARA FALAR A JURACY )

Juracy - Roberto Lis e seus artistas apresentam: - o segundo Capítulo do Rancho da Chica Inácia.

( Novamente a característica forte, enfraquecendo outra vez )

Juracy - O Capítulo de hoje terá a seguinte distribuição:

Nhá Chica Inácia.....Carmen de Alencar.  
Nhô Derfonso.....Roberto Lis.  
Eleuterio.....João Bergmann.  
Rosinha.....Lilia Maria.  
Ritóca.....Branca Margarita.  
Badéco.....Claudio Real.  
Ignez.....Liney de Andrade.  
Juca.....Carlos Moré.

Os nossos ouvintes devem estar lembrados de que no 1º Capítulo desta novela, por ocasião da festa de aniversário de nhá Chica, no seu Rancho, ali apareceu um viajante chamado Eleutério que procurou, imprudentemente, conquistar o coração de Rosinha, a filha de nhá Chica. Aproveitando-se de uma ocasião que lhe pareceu propícia, Eleuterio levou Rosinha para a beira de um açude um pouco afastado do Rancho, onde combinava com ela um plano de fuga. Foi quando apareceu Messias, o noivo de Rosinha, que avisado por Ritóca onde ela se achava, foi surpreende-la em colóquio com o referido viajante, procurando, então, desafrontar a sua honra ultrajada. No silêncio da noite septaneja ouviu-se o disparo de um revolver, seguido de um grito angustioso de Rosinha. O que teria acontecido? Vejamos agora.

( Novamente a característica forte, enfraquecendo depois, até desaparecer )

PARA ENCERRAR O PROGRAMA :

Ouviram o segundo capítulo deste programa que obedeceu hoje á seguinte distribuição:

( Repete o nome dos personagens, respondendo cada um o seu proprio nome )

Participou também o seu concurso a este programa a locutora Juracy de Oliveira.

A Sonofonia estava a cargo de Willy Rodrigues.

Ouçam na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje, o 3º Capítulo desta novela.

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM - O segundo Capítulo do Rancho da Chica Inácia.

( Característica musical forte para o fim do programa )

(ouve-se o latido de um cão)

- Chica - Quem vem lá?
- Ildefonso - Só eu nhá Chica, o Derfonso.
- Chica - Puis que Deus venha com mecê. Póde chegá.
- Ildefonso - O que é que tá fazeno assentada aí sósinha?
- Chica - Assuntano.
- Ildefonso - Sobre a quistã da Rosinha num hay mais nuvidade ninhuma?
- Chica - Dizê verdade memo num sei. A Ritóca teve hoje aí munto tempo de tarde, trancada cum ela no qualto e a Rosinha dispois saiu com os óio vermeio de chorá. Quiz fazê ela me dizê o que é que havia mas aquilo quando imbituca é pió que a mãe dela. Num hay nada, num hay nada, num hay nada e num houve meio de **dizê**.
- Ildefonso - Cadê ela, tá drumindo?
- Chica - Saiu. Seu em rezá todos os dia lá no lugá adonde enterraro o Mis-sia. A Ineiz acha que é remolso mas porem eu tenho cá a minha cis-ma que num é.
- Ildefonso - O que é que pode sê entonce?
- Chica - Sei lá! Eu tô em dizê aqui no meu bestunto que alguma coisa hay.
- Ildefonso - E o delegado num veio mais aqui?
- Chica - Deis de ontonte que se assucegô. Tombem foi perciso sortá os ca-chorro nele. Num tinha mais cabimento, cumpadre, aquele nome todo o dia socado drento da minha casa. Puis arrivistô a casa, viu que o cujo num tava aqui, que mais ele quiria?
- Ildefonso - Isso garrô aí pulo mato que mais ninguem vai vê ele tão cedo.
- Chica - Eu tô em dizê que ele já tá na cidade deis do dia seguinte do bu-xinxo.
- Ildefonso - Capaiz. ( pausa ) E a Rosinha tá mais acomodada já?
- Chica - Não sei le dizê, cumpadre. Hay horas que ela tá numa tristeza, num-ingustia que dá lasti a gente vê, mais dispois que vorta lá dessas reza que ela vai fazê, vem tom alegre, tom sastifeita que a gente até adiscunfeia.
- Ildefonso - É, é causo pra isso memo.
- Chica - Eu sei é que pur causa dessa massaroca toda eu ando munto imbur-ricide. Hay horas que me dá uma tristesa, um sentimento tom gran-de que eu chego a ficá com uma bola que desce da galganta pro es-tongo e dispois torna a subi. Pra móde passá eu tenho que fazê umas mensage, umas insfriqueição de arco.
- Ildefonso - Mecê num deve de se amufiná, nhá Chica. Deve de se adistraí. Es-ses causo acuntece e num é do poder da gente invitá. O que a gen-te tem de fazê é dexá o marco corrê, inté vê adonde vai pará, Sa-be que mais, bamo dimudá de assunto. A viola tá aí memo e eu vô tocá quarqué bobage pra móde mecê se adistraí.
- Chica - Oie aqui, nhô Derfonso, toque entonce uma cantiga daquelas do nosso tempo. A gente começa a si alebrá do tempo que se passo-se, sente anssim uma ingunia drento do coração mais dizê bem a verdade é uma ingunia que a gente inté gosta.

- Ildefonso - Tá cumade, vô tocou uma cantiga do nosso tempo. (ouve-se um cantiga na viola, falando durante a musica) Essa ingunia que mecê diz que sente é a mema ingunia que eu sinto, é a mema ingunia que não de senti todos os véio, quando assentado anssim na portada do rancho, cumo nós temo agora, uvi as musga que se acostumava uvi quando a gente era moço, quando a vida inda num tinha dado tombo na gente, Isso que mecê chama de ingunia é a sodade nhá Chica.
- Chica - Capaiz! Capaiz memo que xeje a saçada.
- Ildefonso - (cantando) Sodade palavra doce que traduz tanto amargô. Sodade é cumo si fosse inspinho chebando a frô.
- Sodade vurto tristonho que bateu na minha porta  
prá me acordá do meu sonho dexano a esperança morta.
- A osencia tem uma fia que dá por nome sodade  
Eu sustento mãe e fia bom contra a minha vontade.
- A sodade por esmola veio de ti me falá,  
ás veiz ela me aconsola, otras veiz me faiz chorá.
- Sodade crué sodade que num sai do pensamento  
punhá da filicidade firindo a cada momento.
- (a musica segue forte ainda por alguns momentos e depois vai se apagando a pouco e pouco para servir de fundo as palavras do:)
- SPEAKER : - Deixemos nhá Chica e nhô Ildefonso nos seus lamentos sobre a saudade e sigamos em direção a Lagôa Funda onde Eleuterio e Rosinha todos os dias se encontram furtivamente descansados na cumplicidade protetora da noite cheia de misterios. Silencio, a Lagôa está perto. (ouve-se o coaxar das rans e ossilvos dos grilos, primeiro á distancia mas a pouco e pouco mais nitidamente.)
- Eleuterio - Minha pobre Rosinha'. O que eu fui te arranjar.
- Rosinha - Truxe essa manta tambem pra mecê se tapá. A noute tá mui fresquinha, de madrugada oce vai senti-frio.
- Eleuterio - Obrigado, minha flor. Os pasteis que me fizeste estavam deliciosos.
- Rosinha - Eu quiz trazê tambem um assadinho de xarque mas a mãe vortô da vila inhante dele tá pronto e eu tive que jogá pros cachorro.
- Eleuterio - E ela não desconfia das tuas saídas todos os dias ás mesmas horas?
- Rosinha - Ela pensa que eu venho rezá no campo.
- Eleuterio - E vens realmente rezar. Vens rezar comigo a oração do amor, a oração mais digna de chegar ao coração de Deus.
- Rosinha - Nossa Senhora da Aparicida, minha madrinha, é de ouvi minhas reza e nós havemo de podê daí dessa ingunia.
- Eleuterio - Havemo de poser sair, sim. Pelos malculos que eu faço a minha carta deve ter chegado hoje em poder de meu irmão. Mais quatro ou cinco dias ele aparecerá em sua casa ao cair da noite pedindo posada. O automovel ficará na volta da estrada, longe do rancho. Antes que a manhã tenha nacido nós já estaremos longe, bem longe deste sitio que nos tem negado uma felicidade completa. Irás aprender a falar como as moças da cidade, dar-te-ei vestidos de seda, sapatos de salto alto e levar-te-ei comigo aos teatros e cinemas.
- Rosinha - E oce me agarante que eu num vô sinto sodade desta vida do sertão?
- Eleuterio - Garanto mais até, que nem te lembrarás que o sertão existe.
- (ouve-se ao longe uma voz cantando uma cantiga ao violão.)

- Rosinha - ( asustada ) Lotério!
- Eleuterio - O que foi?
- Rosinha - Vem gente aí, tó uvindo as voís. ( pausa ) (ouve-se a canção um pouquinho mais nitida)
- Eleuterio - São os vagabundos que passam lá na estrada. Vão cantando para afastar o medo. ( a voz torna-se um pouco mais clara)
- Rosinha - É a voís do Badéco. Com toda a certeza é ele que tá cantano serenata lá no rancho. ( pausa ) (ouve-se uns instantes a voz á distancia.)
- Eleuterio - Que horas serão?
- Rosinha - Deve de sê tarde. Faiz tempo já que anoiteceu. É tempo de eu i simbóra. ~
- Eleuterio - É cedo ainda. Fica mais um pouco, É tão triste isto aqui quando não estás!
- Rosinha - Num diga prá eu ficá. Ocê sabe que eu num posso. Si eu dimorá munto a mãe póde mandá me campia por aí e são capaiz de adescobri oce. Si eles prendesse ocê eu me matava.
- Eleuterio - Não diga isso Rosinha. Vá então, vá. Veja se vem um pouquinho mais cedo amanhã e não esqueça as bñlas que pedi para o meu revolver
- Rosinha - O Badéco me prometeu que aminhã vai na vila buscá elas.
- Eleuterio - E não perguntou a você para o que eram?
- Rosinha - Priguntô mais eu num disse. Minti pre ela que ia fazê uma simpatia.
- Eleuterio - Você tem sido corajosa, Rosinha. Muito obrigado. Se não fosse você eu estaria nas mãos dos amigos do Messias que, sob o pretexto de fazer justiça pelas proprias mãos, não me deixariam nunca mais ver os seus olhos. Vá então, meu bem.
- Rosinha - Inté minhã, Lotério.
- Eleuterio - Até amanhã, minha vida. ( os sálvos dos grilos e o coaxar das rãs vão se perdendo á distancia).
- SPEAKER : ; E enquanto Eleuterio volta ao seu esconderijo no mato, o vulto de Rosinha ora se confunde, ora se destaca na obscuridade da noite, entre a silhueta das pequenas arvores que margeiam os caminhos. E enquanto se dirige ligeira, para o rancho da velha Chica, os seus grandes olhos pretos brilham dentro da noite iluminados pela esperança de dias melhores e mais bem vividos. Acompanhem-na.  
(ouve-se a cordeona tocando uma toada qualquer que a pouco e pouco vai se aproximando.) ( um cão ladra.)
- Chica - Quem vem lá?
- Rosinha - Sô eu mãe, a Rosinha.
- Chica - Urri, que inté que enfim tu chegô, pestinha. Eu já ia mandá te percurá. Tu precisa acabá com essa mania de sai sózinha pulo campo de noute. Isso num dá celto. Já chegá as incomodação que a gente tem.
- Rosinha - Ara, mãe que é que tem?
- Chica - Tem munta cousa. Amanhã ou dispois te atacam aí nos eseuo oia a gente se assuntano e se incomodano sem percisão. Já chega o que a gente se incomodô com aspurcaria que tu feiz.

- Ritóca - Oê num cumprimenta a gente, Rosinha?
- Rosinha - Uai, nem vi que oêis tava aí. Descurpe.
- Inez - Chegemo indagorinha. Num faiz munto. Nós já tinha priguntado por mecê.
- Rosinha - É que milagre foi esse de oêis aparecê hoje por aqui?
- Ritóca - Uai, viemo faêe uma visita pra mecê e prá nhá Chica.
- Rosinha - Gardecida.
- Inez - Eu tava inté detada quano a Ritoca pareceu lá convidando pra vi intá cá. Eu num quiria mas ela rilutô tanto, rilutô tanto que acabô me tirano da cama e me trazeno.
- Badéco - Ela quiria cupanhã prá vortá.
- Ritoca - Cala a boca, Badéco, que é mió. Ninguem chamô mecê no assunto.
- Badéco - É por acaso eu não posso falá? Num posso dá o meu parpíte?
- Ritóca - A gente inhante de dizê asnera é perfectivi dexá a viola no sacco.
- Badéco - Num xeje boba, nhá Ritóca. Mecê tá sempre com essas coisa cumigo. Eu ás veiz inté fico cismado que oê tem quarqué deferença cumigo. Pulo que num sei, mas que mecê tem, tem.
- Ritóca - Ora num amole. Si eu ia perdê o meu tempo de tê deferença cum mecê.
- Badéco - Pois oie, fique sabeno que quem desdanha qué comprá.
- Ritoca - Sai xujo, vai te oiá no espeio, tu não te enxelga?
- Badéco - Óia lá heim nhá Ritóca, mecê veje como fala. Mecê é munto mitida a cebo i inlegancia cumigo mas se oê duvida munto eu boto os podre de oê prá rua.
- Ildefonso - Agora sim, agora é que a coisa tá ficano boa. Bamo vê, Badéco, conta o que é que tu sabe.
- Ritóca - O que é que ele póde sabê esse novento? É mió ele i dimudá esses dente podre da boca dele que ele ganha munto mais.
- Inez - Cala a boca Ritóca, num teje aí prevocando os otro. Si eu sabesse que era isso que mecê vinha fazê aqui num tinha vindo cum mecê. Tinha ficado druminde na minha casa que ganhava munto mais.
- Ritóca - Era só que fartava eu calá a boca prum xujo desses. Ele pensa que eu tenho medo? Si eu nunca calei a boca pros moço da cidade que são mitido a sabido vô calá pra um caipira besta como esse?
- Badéco - Eu era besta se fosse fio da sua mãe, fique sabendo. O desaforo dela. ( todos dois ficam resmungando desaforos)
- Ildefonso - Bueno, buano, bamo dexá a mãe descansada que ela num tem nada que vê cum isso. A coisa tá ficano munto infezada é mió nós botá a cunvelsa noutro rumo.
- Chica - Uai, oê memo que tava gostano agora achô ruim?
- Ildefonso - Já tão meteno as pobre das véia no brinquedo e as véia num tem nada que vê cum isso. Vamo botá um basta nisso e bamo fazê quarqué coisa prá gente se adeverti.
- Rosinha - Isso memo, nhô Derfonso. Já chega de tristeza. Tá aí o violão, tá aí a saffona, o tempo que a gente vai perdê em tá brigano toca a cantá que é mió.
- Ildefonso - Puis é. Mas primero o nhô Badéco tem que se amostrá cavalero, e

- im apertá a mãe de nhá Ritóca e pidim descurpa das desagavante que ele feiz pre ela.
- Badéco - Mecê me descurpe, nhô Derfonso...eu le estimo munto, le aperceio munto. Sempre oyo munto o que mecê me acunseia e tal e coisa e adece- tra, mas mecê viu a coisa deis de um cumeço e sabe que foi ela quem me desofendeu. Cumo é que eu agora vô pidim descurpa? Num posso. Foi ela que me chamô de xujo. E eu xujo num só. Eu desafeio ela prá vê quem é que toma mais banho e no fim bamo vê.
- Ritóca - A gente ás veiz num é xujo no corpo é xujo nas ação.
- Badéco - Mecê tá vendo? Tá me pervocando.
- Ildefonso - Tá bão, tá bão, bamo acabá cum isso.
- Inez - Num resinga mais, Ritóca, cala a boca. Eu acho um fiasco tom grande a gente vim prá casa dos otro pra brigá.
- Ritóca - E quem sabe tu qué que eu vá levá desaforo pra casa? Era só o que fartava. Meu pai nem a minha mãe não me botaro no mundo pra isso.
- Chica - Tá bão, tá bão, bamo acabá cum isso duma veiz. Voceis viero na mi- nha casa pra brigá?
- Inez - Pois é o que eu tô dizeno.
- Ritóca - Mecê descurpe, nhá Chica, eu num tenho curpa. Foi ele que premero pervocô esse marsinado.
- Badéco - Marsinado é tu.
- Ildefonso - Tá bão Badéco, chega. Nhá Chica já acabô de priguntá se meceis viero aqui no rancho dela prá tá de bate boca.
- Ritóca - Oie, nhô Derfonso e nhá Chica, eu num vô falá mais. Mas eu quero que mecê me dexa dizê só uma coisa mais pre ele. Fique sabeno, nhô Badéco que mecê não percisa mais me acumpremetá na rua quano si difrontá cumigô nem falá mais comigo si mecê tem vregonha nessa cara proque eu num gosto nem um poquinho de mecê. Tenho raiva de mecê.
- Ildefonso - ( Dando uma gargalhada ) Mecê agora inté me feiz ri, nhá Ritóca. Feiz eu me alembrá de uma cantiga que começa anssim, Passe daí o violão, nhá Chica. Eu vô cantá essa cantiga praque só anssim acaba coas arrilia.

Chica - Tá o violão.

Ildefonso - ( cantando )

Tenho uma raiva de mecê  
que chego inté a maginá  
que isso entre nós é coisa feita,  
si nós peguemo a cunversá  
num sei proque nós não se ageita.  
Que raiva eu tenho de mecê.

Um dia eu compro um ganivete  
amolo bem mecê vai vê,  
quano mecê tivá drumêdo,  
le corto um taco de cabelo  
só pra mecê ficá sabeno  
que raiva eu tenho de mecê.

Eu tenho andado nesses dia  
que num um Saey-perexê  
cos óio aberto sem ve nada  
me dá uma tar manigunia  
que eu fico ás veiz desdonfiado  
que eu gosto munto de mecê.

( gargalhadas e palmas de tdos os presentes )

- Chica - Oie cumpade, eu tô em dizê que é isso memo que tá acuntecendo com nhá Ritóca e nhô Badéco.
- Ritóca - Credo! Cruziz! Perfirivi uma boa hora de molte.
- Badéco - Eu já disse que quem desdanha qué comprá.
- Ritóca - Cala essa boca, nogento.
- Rosinha - Mas será pussivi que meceis vão cumeçá otra veiz a brigá?
- Ritóca - Mecê descurpe, nhá Chica mas eu num calo a minha boca pre esse rujo. Pras otros mió eu nunca me calei num é de sê pre ele agora que eu vô dá ganja.
- Badéco - Nem eu perciso das ganja de mecê, fique sabeno. Gente de munto mais importancia eu nunca fiz fé cum elas, agora vô memo me importá cum uma triste que anda aí sem tê adonde caí morta.
- ( continuum os dois a discutir fortemente quando a cordenona rompe numa rancheira bem movimentada e bem forte )
- Chica - Credo, nhô Derfonso, o que é que deu em mecê?
- Ildefonso - É prá acabá cum o bate boca. Os dois tão munto inspigado hoje, se eles não se acarmá cum a musga eu boto eles drento do açude e eles se acarma. ( risos )  
( A discussão segue ainda alguns instantes meio abafada pela musica. Faram as vozes e a rancheira toca até o fim )
- Inez - Munto bem, nhô Derfonso, munto bem. Eu sempre tô dizano que num hay ninguem aqui no povoado pra fazê gemê uma sanfona como mecê.
- Chica - Nhô Derfonso bota areia nos óio de munto moço que anda pur aí.
- Inez - Eu sempre disse.
- Ildefonso - A musga foi sempre a mania que eu tive drento da indeia. Deis de piquininote anssim. O véio sempre arriliava cumigo praque eu vivia mexendo na viola dele e arrebetano as corda.
- Chica - Munta serenata o finado seu pai feiz pra véia minha mãe, que Deus Nosso Sinhô tenha em santa guarda.
- Ildefonso - Puis me contô o falcido Geronço que eles se gostava. Dispois apareceu o raio do mascate - com o perdão da má palavra - que foi seu pai e estragô es plano deles tudo. Tombem o véio ficô num sintimento que nunca se casô. Morreu sortero.
- Chica - Verdade. E eu, pra dizê bem a verdade, me arripindi de tê dexado ele pulo Vicente. Praque si houve home bruto pra muié foi ele pré mim. Só não me dava burduada porque uma veiz éle feiz tenção de eu passei a mão na chalera que nós tava mateando e si ele num t tem dado worta eu jogava a agua fervendo na cara dele. Deis desse dia ele não intentô mais de invisti prá me dá.
- ( nesse momento ouve-se um tropel de cavalos que se aproxima a galope. Quando o ruído já é mais acentuado um cachorro late )
- Juca - ( de longe ) Ó de casa!
- Chica - Quem é que tá aí?
- Juca - ( entrando ) Sô eu, o Juca Sirvera.
- Chica - Dexa o cavalo na portera e se aproxime. ( baixo ) Que será que esse diabo vem fazê.
- Juca - ( aproximando-se sempre até ficar junto ao microfons ) Hay assunto importante que me traiz aqui. Boas noute. ( todos respondem )  
Nhá Chica, eu tive denuncia que o moço da cidade que matô o meu

- primo Missia, tá inscundido nos mato do seu campo. Vim le avisá que tô aí com seis home pra móde dá uma batida no mato. Se meceis consi-guiro enganá a pulícia dizeno que ele fugiu pra cidade a min meceis não é de enganá porque eu é de batê capão por capão inté incontrá o cujo e entregá ele pra pulícia.
- Chica - Ocê tá maluco, nhô Juca? Entonce mecê pensa que era capaiz de dá is-cunderijo prum home que matô o noivo da minha fia? Mecê tá munto in-ganado. Nos meus campo eu le posso agarantí que ele não tá.
- Juca - Tá munto bem, mas pelas duvida nós bamo percurá.
- Chica - Pús entonce percurem. Oceis é de achá tanto ele cumo eu. Qué percure-rá drento do rancho póde intrá.
- Juca - Drento do rancho num é perciso. Sabemo que ele num ia ficá. Mas o causo é que hoje nós tivemo uma denuncia que ele tá nos mato que ladeia a lagôa funda e bamo dá uma batida por lá. Percisemo amostrá pra esses moço da cidade que num é só chegá aqui nacampanha, i pegá gando as caboca que eles bem inscôie e dispois matá um vivoento ans-sim por dá cá aquela paia.
- Badéco - Nhá Rosinha contô que se ele não matasse, o Missia matava ele.
- Ildefonso - Cala a boca, Badéco, num dá parpíte. Num temete.
- Badéco - Uai, nhô Ildefonso, tô só dizeno.
- Ildefonso - Num tem nada que dizê, fica queto.
- Juca - Bueno, mecê fica pervinida entonce, que nós bamo passá pra dentro do seu campo pra dá uma batida pelos capão. Num tenha arreceio que o gado e o plantio é de sê respeitado. Nós só queremos pegá é aque-le bandido pra móde intregá ele pra pulícia.
- Chica - Tá nunto bem, nhô Juca, ocê percure. Eu memo num quero que pense que tô inscondendo um criminoso drento dos campo que me peltence. Oceis percure. Agora uma coisa eu quiria que mecê me dissesse quem foi que foi dinuciá isso pra meceis.
- Juca - Bueno, isso eu num posso le dizê.
- Chica - Tá bem, vá percurá.
- Juca - ( gritando) Pessoa, pode passá a portera e bandiá pula direita. Me insperem lá no cumeço da Lagoa que eu já vô prá lá. (ouve-se o tropel dos cavalos que a pouco e pouco vão se perdendo na distancia Bueno, entonce com a sua licencia e boas noute. ( todos respondem) um boa noite seco. Ha uma pausa grande onde o silencio é absoluto. Latido de são. Mugido de uma vaca, a seguir, ouve-se o cavalo do Juca sair em encontro dos companheiros, até o ruído de perder na distancia.)
- Chica - Ari veja! Diz que teve uma denuncia. Eu só quiria sabê quem é que foi contá lá pre ele essa mintira. Pagava o que ele me pedisse só prá sabê.
- Rosinha - Não percisa pagá nada, mãe. Eu sei quem foi ~~apri~~ e vô dizê aqui na frente de todos.
- Chica - Quem foi minha fia?
- Rosinha - Foi a Ritóca. ( pausa, estupefação)
- Ritóca - ( fingindo admiração) Eu, Rosinha?!
- Rosinha - Foi tu, sim, porque só tu é que sabia.
- Chica - Sabia o que? O que é que a Ritóca sabia?

- Rosinha - Sabia que o Lotério tava inseguido no mato. Sabia que eu levava comida pra ele todas as tarde, sabia que eu ia conversar com ele todas as noite.
- Chica - ( admiradissima) Era as reza no campo!....
- Rosinha - ( continuando ) Sabia que eu gostava dele e ia fugi cum ele pra cidade pra me casá, sabia tudo porque se fingiu-se de minha amiga e veio aqui no meu rancho pra móde se ofrecê pra me ajudá no causo que eu precisasse. Foi ela essa cinica, essa marvada, essa farsa que tá aí fazeno cara de santa. ( pausa, silencio, Rosinha chora)
- Chica - Mas e porque ocê feiz isso, nhá Ritóca?
- Ritóca - Pruque? A sinhora ainda me pergunta pruque? Pruque o Missia era o enleito do meu coração, pruque o Missia me dexê pur causa dele, pruque foi pru causa dela que eu perdi ele pra toda a minha vida. Ela feiz a minha disgracia, a tristeza da minha vida e havia de sigui sendo feliz e dexando eu aqui sofrendo a osencia e a sodade do Missia? Não. Ela é de sofrê tombem por todo o mal que ela me feiz. Ele é de sê preso, pruque ele é um assassino, um marvado e ela é de chorá cumo eu tenho chorado, é de sofrê cumo eu tenho sofrido, passando noite atraz de noite sempude drumi. Pronto, fui eu, fui eu que disse pro nhô Juca tudo o que mecê me contô hoje dispois do armoço aqui no rancho. Eu sabia, o meu coração me dizia que océis ia fugi e fiz tudo pra sabê. Ocê me contô e eu fui correndo levá pra ele. Agora tô sastifeita. Péde fazê de mim o que quizé. Não me importa mais nada.
- Ildefonso - Casearé! ( ouve-se um tiro muito longe).
- Chica - Um tiro, nhô Derfonso, mecê ouviu?
- Ildefonso - É, parece que foi. ( pausa, expectativa. Ouve-se mais dois tiros, uma pausa e depois tiros a seguir).
- Rosinha - ( desesperada ) Minha Nossa Senhora da Aparicida, minha madrinha, sarve ele, minha madrinha, sarve ele. ( soluços desesperados)
- SPEAKER : Ouçam a continuação deste programa na proxima sexta feita, ás mesmas horas de hoje.

Fin.

---

3º CAPITULO

( CARACTERISTICA MUSICAL FORTE ENFRAQUECENDO DEPOIS PARA FALAR A JURACY )

JURACY - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM : - O terceiro capítulo do Rancho da Chica Inacia.

( NOVAMENTE A CARACTERISTICA FORTE ENFRAQUECENDO OUTRA VEZ )

JURACY - O Capitulo de hoje terá a seguinte distribuição:

- Nhá Chica Inacia.....Carmen de Alencar.
- Nhô Derfonso.....Roberto Lis.
- Rosinha.....Lilia Maria.
- Babão.....Carlos Moré.
- Ritóca.....Branca Margarita.
- O Delgado.....Luiz Cataldo. *Edmundo Lis.*
- O Auxiliar.....*Candido Norbert.* Edmundo Lis. ~~Roberto Lis.~~
- Pai João.....Roberto Lis.
- Eleuterio.....João Bergmann.

Façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenrolados no 2º capítulo desta novela;

Eleuterio, depois de ter morto Messias, refugiou-se no mato mais próximo do Rancho de nhá Chica, de onde só saía á noitinha para vir entrar-se com Rosinha que lhe trazia os alimentos necessários.

Ritóca que detestava Rosinha porque o Messias a havia despresado por causa dela, fingindo-se de muito amiga conseguiu arrancar da sua antiga rival a confissão do local onde Eleuterio se achava escondido. De pósse da mesma, foi imediatamente relata-la a nhô Juca, primo e amigo de Messias, que deliberou então fazer justiça pelas suas próprias mãos. Á noite quando todos se encontravam reunidos no Rancho de Nhá Chica, Juca chegou e disse aos de casa que tendo recebido uma denuncia ia invadir com outros companheiros, os campos de nhá Chica a procura do criminoso.

Foi quando Rosinha então compreendeu da traição que lhe fizera Ritóca e acusou-a deante de todos. Ritóca não se defendeu, Com toda a raiva que alimentava dentro do seu peito contra Rosinha confirmou que havia feito a denuncia para vingar-se dela lhe ter roubado o seu grande amor, que era Messias. Foi nessa ocasião que se ouviu o estampido de vários tiros partidos de perto do mato, enquanto Rosinha, em soluços, atirava-se de joelhos á terra a suplicar á Nossa Senhora da Aparecida, sua madrinha, que salvasse Eleuterio.

Vejamos o que depois aconteceu.

( CARACTERISTICA FORTE? ENFRAQUECENDO DEPOIS ATE DESAPARECER )

PARA ENCERRAR O PROGRAMA:

E Ritóca pagou com a propria vida o seu desejo enorme de vingança! Quem a teria matado?

De onde teria partido esse tiro que a prostrou sem vida?

É o que saberemos na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje, quando será irradiado o capítulo final desta novela.

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM - O 3º Capitulo do Rancho da Chica Inacia.

( CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA O FIM DO PROGRAMA )

JURACY

## No Rancho da Chica Inacia

3º Capitulo

( Ouve-se o coaxar das rãs e o silvo repetido dos grilos. Batidas repetidas na porta. )

- Pae João - ( Afastado do microfone ) Quem é que tá batendo?
- Rosinha - ( Aflita, medrosa ) Póde abri, pai João, é de paiz.
- Pai João - Pao Zoão vai abri, para um mucado.
- Rosinha - Depressa, pai João, tô tão afrita!
- Pai João - ( distante ) Zá vai, za vai. ( passos arrastados ) Pode intrá quem tá aí.
- Rosinha - Sô eu, pai João, é a Rosinha.
- Pai João - ( muito admirado ) Bósinha! O que é que a Lósinha anda fazeno a essas olá da noute, tom longe, sósinha na casa de Pai Zoão?
- Rosinha - Ah, pai João, eu preciso munto do senhô.
- Pai João - O que é que a Lósinha tem?
- Rosinha - Feche bem a porta, premero, tenho medo que nos escuitem. ( ruido, ao baque da porta o coaxar das rãs se torna mais apagado )
- Pai João - Ponto, Lósinha, porta tá fechada. Póde falá sem leceio.
- Rosinha - Pai João, mecê me ajude por favô. Eu quero que mecê me diga se ele ainda tá vivo-ou si mataro ele. Eu vô contá pra meeê o que se passo-se. Ele tava insecundido nos mato lá de casa dispois da morte do Messia. Mecêsabia, num sabia?
- Pai João - Sabia, Lósinha, pai Zoão sabe tudo.
- Rosinha - Pois é pur isso que eu tô aqui. Pai João. Fugi do rancho dispois que a mãe drumiu, saí pela ginela, muntei o malacara e vim correno pur esses campo afóra. Passei inté pula lagôa assombrada, Pai João. Sinti inté um arripio pulo corpo, os meus cabelo paricia fio de aname doendo na cabeça mas o amô é mais forte do que o medo e eu tô aqui. Eu quiria sabê sá ele inda inziste. Adonde é que ele tá. A Ritóca contô pros companhero do Missia que ele tava insecundido lá e eles corom lá prá pegá ele. Saiu um tiroteio grande e o Virgíio ficô lá instendido cum uma bala atravessada no coração.
- Pai João - Verze da Misericórdia!
- Rosinha - O lugá adonde ele costumava se insecundê ficô todo manchado de sangue inté nos tronco das arvi tinha as marca das mão dele xuja de sangue ( chorando ) e ele não aparece, pai João. Ninguem sabe adonde ele foi pará. A mãe tem mandado batê o mato todô, percurá por vorta toda da lagoa e inté agora num se sabe de nada. Foi pur isso que eu vim aqui Pai João. Eu quiria que mecê cunsurtasse os seus guia pra môde me dizê si ele já morreu, ou si tá vivo. Eu preciso sabê, pai João. Si ele tá vivo eu quero encontrá ele e si ele já morreu eu que rô morré tombem. Não engane eu, pai João, mecê me diga tudo que subê
- Pai João - Tá bão minha fia, pai Zoão vai fazê as leza pra sabê. Pai Zoão vai buscá duas vela, um laço de fita preta e nós vamo lá prá beçada da lagoa. O vento vai nos dizê. Pai Zoão bota a fita preta numa vela e a otra deça sem nada. Adende as duas vela na bera da lagoa, e começa a lezá. Vento apaga uma das vela. Se apagá a vela da fita é que o moço inda tá vivo, si apagá a vela sem fita é que o moço za moleu.
- Rosinha - Então vamo, pai João. Bem dipressa, por favô. Eu num posso mais arre-sisti essa ingunia. Eu preciso sabê. (repetindo apreensiva) Si apagá

- a vela com fita é porque ele inda tá vivo, si apagá a vela sem fita é porque ele já morreu.

SPEAKER: - Neste meio tempo no rancho da nhá Chica Inacia.

( BATIDAS NA PORTA )

- Ildefonso - Nhá Chica! Ó nhá Chica. ( pausa. Silêncio - novas batidas) Nhá Chica! Si acorde, nhá Chica. ( ouve-se um mucuchoço sonolento, afastado do microfone) Nhá Chica, se acorde, nhá Chica!
- Chica - ( num bocejo, de longe) Quem é?
- Ildefonso - Sô eu, nhá Chica, nhô Derfonso. Se acorde duma veiz que eu tenho uma coisa importante pra dizê pra mecê. Bamo se alivante.
- Chica - É nhô Derfonso que tá aí? Que é que ocê anda fazeno a essas hora da noute por aqui, home de Deus?
- Ildefonso - Abra a porta, nhá Chica. Tenho que le dizê uma cousa.
- Chica - Péra um mucado, dexa botá o vistido. Num vô abri a porta pra mecê quagi nua do geito que tô.
- Ildefonso - Dexe de luxo, nhá Chica o causo é munto importante. Abra duma veiz. Não faiz mal o geito que mecê teje. De quarqué geito, memo.
- Chica - Isso é o que mecê qué mas eu num sô loca fazê. Era só o que fartava se arguem me visse abri a porta pra mecê do jeito que eu tô. Era inté capaiz de alivantá um farso tistimunko.
- Ildefonso - Dexe de conversa, nhá Chica, nós temo perdendo tempo precioso.
- Chica - ( se aproximando) Já vai, home de Deus. ( ruido de porta) Pronto, que home mais desapressado! Que é que ocê qué, home? O que foi que acunteceu prá mecê vim batê aqui a essas-hora da noute? Já deve de se mais de meia noute.
- Ildefonso - O quehay é o seguinte: Vim num galope só da vila inté cá pra móde dizê prá mecê que chegô uma otoridade da vila prá móde aclará esse causo da morte do Missia e o Virgíio e é vóis corrente lá na vila que ele vem aqui prendê a Rosinha...
- Chica - Misiricoldia!
- Ildefonso - ...prá móde que todo o mundo diz que ela é que teve a curpa dos dois morrê. Eu entoncos vim num galope avisá mecê pra móde nós iscondê a Rosinha lá no meu rancho e dexá ela ficá lá inté que o cujo vorte prá cidade.
- Chica - Credo, nhô Derfonso que é que eu é de fazê-agora? Me oxilie, por favô, eu tô tom nervosa, tom aisanortuada que nem sei o que é que vô fazê. Como é que eu vô dizê isso prá Rosinha? Ela é capaiz inté de morrê de susto. De susto e de vregonha. Magine, só a Rosinha presa! Eu num tenho corage de dizê pre ela.
- Ildefonso - Vá chamá ela que eu falo tudo dereitinho pre ela e dispois vô levá ela cumigo pro rancho.
- Chica - Ela é capaiz de não querê im.
- Ildefonso - Tem que im, oriessa. O que nós não pudemo é dexá ela sê presa. Vá, nhá Chica, vá chamá ela.
- Chica - Pera um mucado entonce que eu já vorto, nhô Derfonso.
- Ildefonso - Tá munto bem. ( pausa ) A noute tá inseura que num é brinquedo. E nós percisemo aproveitá que ela tá anssim pra móde cruzá esse campo sem que ninguem aviste nós. Inda é capaiz de dá chuva essa ma-drugada.

- Chica - ( vindo afitissima gritando de longe e aproximando-se ) Nhô Derfonso, nhô Derfonso, que desgraça, nhô Derfonso!
- Ildefonso - O que foi, Nhá Chica?!...
- Chica - A Rosinha, nhô Derfonso, A Rosinha num tá no quarto. Disapareceu. A ginela tá abrida e ela num tá lá. O que será que se deu-se.
- Ildefonso - Péra aí, nhá Chica, num fique anssim desse geito que num se arruma nada. Bamo vê isso cum carma.
- Chica - Ela num tá lá, eu já vi bem, já percurei a casa toda!
- Ildefonso - Quem sabe no garpão. Para aí, dexa vê uma coisa. ( gritando ) Babão! Babão! Eh Babão!... Caminha, te alivanta e chega aqui, Babão! ouve-se um cachorro latir
- Chica - Esse diabo é custoso de si acordá. Quem sabe é mió nós i intá lá. Bamo lá, nhô Derfonso. bamo lá duma veiz que eu tô inguniada!
- Ildefonso - Péra aí, nhá Chica, se acarme. ( gritando ) Babão, eh, Babão, tu num tá uvindo eu te, chamá, diabo? Te alivanta e vem cá numa currida! Babão!...
- Babão - ( longe ) Quem é que tá me chamano aí?
- Ildefonso - Tô eu, Babão, o Derfonso. Caminha, dá uma chegada inté cá, depressa.
- Babão *(de longe)* - Já vô lá, nhô Derfonso.
- Chica - Adonde tará essa minina, minha Nossa Senhora da Conceição.
- Ildefonso - Não se afrijá anssim que ela é de aparecê.
- Chica - Quem sabe lá si já não viero aqui e não prendero ela inquanto eu tava drumindo.
- Ildefonso - Ara, nhá Chica, dexe de dizê bestera. Uma muié véia dizê tanta bobage num tempo só. Entonce ela ia sái pula janela, sem gritá por mecê, sem percurá fazê alarde?
- Babão - Que é que mecê qué, nhô Derfonso, Tô aqui.
- Ildefonso - Escuita, Babão, tu num viu lá do garpão si a Rosinha saiu de casa, num sabe prá donde ela foi?
- Babão - Óia, nhô Derfonso, nhá Rosinha pediu pra eu não dizê mas eu vô le contá praque dispois pôde acuntecê alguma coisa e eu num quero que dispois botem a ourpa em riba de mim.
- Chica - Fala duma veiz, diabo, conta o que tu viu.
- Babão - Puis na bucada da noutinha anssim ela pediu pra mim dexá o Malacarra perparado na cochera, já com os arreio e tudo que era pra móde ela im anssim que a noute fechasse lá no Rancho do Pai João.
- Chica - E ela foi lá sosinha, Babão?
- Babão - Foi, sim sinhora. Eu bem que quiz i lá cum ela mas ela não dexô. Disse que eu ficasse aqui de guarda e que si inté de madrugada ele num vortasse que eu antão amuntasse o Alazão e fosse em percurela dela.
- Chica - Deus ~~intermittente~~ nos acuda, nhô Derfonso! Aquela minina foi passá sosinha na lagoa assombrada é capaz inté de virá bruxa si passá numa hora amardiçada!
- Ildefonso - Deus é de primiti que não, nhá Chica, num se tolture.
- Chica - Mas e agora o que é que a gente vai fazê?

- Ildefonso** - Bamo insperá aqui até a hora que ela vorte. O Babão vai perpará um amargo inquanto mecê vai trazê a minha sanfona que ficô aí. Mecê se adeita e eu fico aqui na portada do rancho me intertendo com a sanfona até ela chegá. Vai, Babão, vai perpará um amargo prá nós.
- Chica** - Oia a sanfona.
- Ildefonso** - Tá, munto agardecido, nhá Chica. Agora mecê vai se deitá que eu fico aqui de guarda.
- Chica** - Não, nhô Derfonso, Eu aperfiro inhante ficá aqui perto de mecê. Eu tô munte nervosa prá móde im drumi.
- Ildefonso** - Tá munto bem, pous entonce se assente aí na portada do rancho. Vô tocá um mucado, mecê escuita e se interte. (começa a tocar uma valsa na sanfona.) Essa varsa é dos bão tempo. Inda é do tempo que eu saia co Chico Respingado e o Mundico Fuguetero a fazê serenata pras caboca lá do Cerrilho. Tempinho bão. A gente levavá uma garrafa de pinga e enfiava pula noute a drento cantando pas potranca. Eu me alembro duma vez que tava tocando essa varsa na casa da Ervira Perna Dura quano o papagaio pulô da gaiola que tava anssim dipindurada na parede em riba da sanfona. Fiquei tão danado que parei de tocá, xinguei ela, xinguei o papagaio, xinguei a mãe dela e nunca mais apareci lá.
- Babão** - Oia o amargo.
- Ildefonso** - A vê. (ruído de chupar bomba) (ouve-se um cão latir á distancia e o galope de cavalo longe)
- Chica** - Iscuite, nhô Derfonso. Capaiz que xeje ela que vem de vorta. (para a Sanfona)
- Babão** - Não, nhá Chica, ela tem que vim de cá. O rancho do Pai João fica prá cá. Deve de se arguem. o cão continua latindo. O galope se aproxima
- Ildefonso** - Ocê qué sabê de uma coisa, nhá Chica? É a otoridade que vem buscá a Rosinha.
- Chica** - Minha mãe do céu. Que é que a gente vai fazê?
- Ildefonso** - Mecê, Babão, trate de insiá o Alazão e despará pro rancho do Pai João, pega a Rosinha e leva ela lá pra quele capão que tem no fundo do meu campo. Guarda ela lá até eu chegá. Mecê, nhá Chica, vai se deitá que eu fico aqui na porta do rancho tocando sanfona. Vô imbrômá eles até o Babão ganhá tempo. Mecê finge que tá drumindo. Quano eu chamá mecê dimore bem prá acordá. Bamo, Babão, bota prá dispará. A munta o Alazão e que são Jorge te acumpanhe.
- Babão** - Já vô já, nhô Derfonso. (sae correndo)
- Ildefonso** - Boeno, eu me assento aqui cá sanfona. Eles já deve de vim perto. (pausa em que se ouve o galopar dos cavalos já bem perto. A sanfona começa a tocar uma polkinha da roca. Quando a peça vai em meio cessa o ruído do galope e uma voz grita de longe)
- Delegado** - Ó de casa!
- Ildefonso** - (parando a sanfona) Desapeie quem é. Si é de paiz pode chegá.
- Delegado** - É o Delegado de policia que está aqui.
- Ildefonso** - Pois que xeje bem vindo.
- SPEAKER** - E enquanto seu Ildefonso na porta do rancho de nhá Chica, entretem as autoridades que foram em busca de Rosinha, sigamos com Zé Babão até a beira da lagoa assombrada, onde vamos encontrar Pai João e Rosinha ajoelhados em frente a duas velas, uma das quais está amarrada com um laço de fita preta. Escutemos as rezas que Pai João está fazendo:

Pai João - Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô..... (bis)

Tunga nigê, Tunga Nigê.  
 Pai de santo que sabê  
 Tunga nigê, Tunga Nigê  
 Si seu moço vai vivê..

Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....

Tunga nigê, Tunga nigê  
 Pai de santo que sabê  
 Tunga nigê tunga nigê  
 si seu moço vai mollê. ( Um trovão e uma rajada de vento )

Rosinha - ( com voz baixa e tremula ) Nossa Senhora me socorra!...

Pai João - Vem a **suma**, vem o vento, vem lazada, vem trovão  
 Nosso Sinhô alesponda o que pede pai Zoão  
 Eh, eh, eh, Eeh!...Eh! Eh! Eh! Eheheh!...

Vela branca tá tlemendo  
 Vela preta tombem tá  
 Pai Zoão tá espejando  
 duma vela se apagá.

Eh! Eh! Eh! Eheheh!...Eh! Eh! Eh! Eheheh!...

Tunga nigê, Tunga nigê pai de santo **Vai dizê**....

Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....  
 Ô.....Ô.....

( um trovão mais forte e uma rajada de vento - um grito de Rosinha )

Rosinha - Ai, pai João, que susto! **Quagi** que a vela branca se apagô. ↓

Pai João - Leza, minha fia, leza. ( pausa em que só se ouve as rãs. Nova rajada de vento e novo trovão ).

Rosinha - ( baixo ) Ai Pai João, que susto! **A** vela branca vai se apagá. Pai João!

Pai João - Num fala, minha fia, leza, leza. ( pausa - ouve-se um grito de coruja ).

Rosinha - ( levando um susto a meia voz ) Misericórdia! ( nova pausa, ruído das rãs. Novo trovão e nova rajada de vento seguida de um grito de Rosinha ). Pai João! Pai João! **A** vela preta se apagô. Ele tá vivo, Pai João! ( chorando de alegria ) Ele tá vivo!... rajada de vento )

SPEAKER: - E de pösse dessa certeza, Rosinha, com o coração transbordando de esperança dá de rédeas ao Malacara em direção ao rancho de sua mãe, onde o destino lhe reserva uma enorme surpresa. Mas, **é** Zé Babão que havia ido ao seu encontro para levá-la a ocultar-se no rancho de nhô Ildefonso? Porque motivo não teria chegado lá? Vejamos. Voltemos novamente ao Rancho da nhá Chica.  
 ( Toda essa fala do Speaker terá por fundo o galopar de um cavalo e daqui para deante, até o fim do capítulo ruído de vento e de trovão ).

Chica - Aceita mais um mate, seu Delegado

- Delegado - Não senhora, muito obrigado. Continue a narração dos fatos.
- Chica - Adonde é que eu tinha ficado memo? Ah já sei., já se alembrei. Fuis como tava le dizendo, os cumpanhero dele aparecero aqui e me avisaro que cum orde das otoridade da wila ium dá uma batida nos mato aqui por volta do rancho e que faiz parte das minhas terra. Garrei e disse pre eles que pudia dá e eles sairo pur aí a fóra a pereura do moço. Nóis fiquemo tudo aqui como tava, arriunido, o cumpade Derfonso tocano a sanfona dele, eu chupano o meu mate e a Rosinha e mais os visinho que tava tombem aqui, escuitano o cumpade toca. Eles sairo pulo campo afora. Quano foi di repente uvimo uma porção de tiro. Ninguem saiu de dentro do rancho que ninguem era besta. A noute tava munto insegura e mecê sabe que bala de ispingarda não leva letrero. Adonde bate fica. Quano foi daí mais um muca-do eles vortaro tudo trazeno nho Virgílio cum um balaço memo no coraçõ. Quano eu fui correno buscé uma caneca dagua que eles pidiro prá dá pre ele bebê, ele já não pudia mais nem inguli a agua. Tava morto.
- Delegado - Muito bem. Mas, segundo fui informado, logo após a morte do Messias quando esse moço se ocultou lá no mato, a sua filha ia encontrar-se com ele todas as tardes. A senhora sabia disso?
- Chica - Num sabia e num aquerdito que isso xeje verdade, seu delegado.
- Delegado - Ela costumava sair á tardinha ou ficava sempre no rancho?
- Chica - As veiz ia saía pra i no rancho da Ineiz ou da Ritoca que fica perto daqui mas num dimorava munto tava aqui de vorta cum elas.
- Delegado - Informaram-me os rapazes que deram a batida no mato que havia muito sangue no lugar em que o tal moço estava escondido o que nos fez pensar que ele naturalmente recebeu algum ferimento muito serio.
- Chica - Fuis ovi dizê.
- Delegado - Entretanto, eles no dia seguinte procuraram quasi todo o mato e não encontraram o homem. Ele não teria aparecido por aqui em procura de alimento ou de remedio para os ferimentos?
- Chica - Pur Deus Nosso Sinhô que não, seu Delegado. Pur egga luiz que me alumia como num tô fartando com a verdade pra mece. Nóis fiquemo munto munto nervosa, munto assustada, passemos a noute intera sem drumi e tá aí pra não me dexá minti o cumpade Derfonso que ficou aqui toda a noute prá nós acumpanhá. Ele póde dizê si eu tô fartando cá verdade. Fale, cumpade, diga.
- Ildefonso - Verdade, sim, seu Delegado. Fiquemo aqui a noute toda os treis sentado em vorta dessa mesa, mateando e cunversano. Só se minhãsinha, quano já tava quereno clareá o dia foi que eu amuntei no meu tоста-do e me bandeiei pro meu rancho.
- Chica - Eu fiz a Rosinha se deitá pra móde descansá que ela inda tava munto assustada e já fui tratá do serviço que tinha prá fazê. Naquele ribulicho todo o Babão tinha cortado o pé num caco de garrafa, num publico dia quagi caminhá e eu mema é que fui tirá o leite da Barroza prá móde ele num tê que caminhá cum o pé anssim.
- Delegado - E quem é o Babão?
- Chica - É um piá que nós criemo em casa, deis do tempo do falcido. É memo que ermão da Rosinha. É meio fraco das indeia mas é munto bão rapaiz.
- Delegado - Muito bem, e desse dia em deante nada mais se passou de extraordinario que a senhora pudesse observar?
- Chica - Durante dois ou três dia os rapaiz inda viero aí inda andaro pelo mato a pereura do moço e depois assucegaro, num viero mais. A Rosinha tava munto nervosa cum essas coisa tudo, o cumpade Derfonso achô mais conviniente de mandá ela passá uns dia cum ermão do rancho.

- lícido que mora uma doze legua daqui e entonce o cumpade memo foi levá ela lá. Inda hoje memo nós tivemo falano que já era tempo de fazê ela vortá.
- Delegado - Pois bem, dona Chica, agora o que nós temos que fazer aqui é o seguinte:
- Uma voz - ( chamando de longe e se aproximando em seguida ) Seu delegado!
- Delegado - Pronto. O que houve?
- Uma voz - ( a meia voz ) Olha aqui, seu delegado, acaba de se passar qualquer coisa de extraordinario.
- Delegado - O que foi? Fale.
- Uma voz - Eu fiz o que o sr. recomendou. Distribui os homens por volta do rancho e do galpão, todos escondidos de forma a poderem observar qualquer movimento extranho e evitar a fuga de qualquer pessoa. Ficou tudo cercado. A pouco, o guarda que vigiava este lado da lagoa viu aproximar-se do rancho um vulto que com todo o cuidado procurava abrir a janela dos fundos. Como não conseguisse, começou a forçar a janela do lado tendo conseguido entrar. Ele deve estar aqui dentro desse quarto.
- Chica - Esse é o quarto da Rosinha.
- Ildefonso - (baixo) Será que ela vortô?
- Delegado - ( a meia voz ) Muito bem, você avise a todos que estejam a postos e que qualquer pessoa que tentar sair eles podem atirar. E volte imediatamente para entrar comigo nesse quarto.
- Uma voz - Sim senhor.
- Delegado - O sr. e a senhora ficarão aqui nesta sala. Passem os dois para aquele canto. Nós vamos entrar nesse quarto e eu não sei quem está aí nem sei tão pouco de que forma seremos recebidos. É possível que tenhamos que usar os nossos revolveres. Por isso ficam prevenidos e não saiam dos lugares.
- Chica - Num atire sem vê quem é, seu delegado. Póde sê a minha fia, a Rosinha.
- Delegado - Mas si ela está a doze leguas daqui, como a senhora me disse a pouco, não ha receio de que possa ser ela.
- Chica - Santanaiz faiz munta cousa, seu delegado. A gente num sabe.
- Delegado - Não tenha receio que eu saberei ser prudente.
- Uma voz - Pronto, seu delegado. Os homens já estão avisados. Podemos entrar.
- Delegado - Muito bem. Faze-se do lado da porta e procure abri-la. ( ruído de porta ) Vamos, saia quem está aí dentro. É inutil procurar fugir que a casa está cercada. Vamos, apareça quem é. ( pausa ) Vamos, apareça em nome da lei senão eu atiro!
- Chica - ( baixo ) Minha Virge da Misericórdia, Nhô Derfonso.
- Ildefonso - ( baixo ) Reze, nhá Chica, reze, que eu tô rezano tombem.
- Delegado - Pela ultima vez, apareça quem é. ( pausa )
- Chica - Nhô Derfonso, ( baixo a custo ) o moço da cidade!....
- Ildefonso - Cale a boca, ( baixo ) nhá Chica, num diga que é ele.
- Delegado - Quem é você?
- Ildefonso - Esse é pião do meu campo, seu delegado.

- Delegado - Cale a boca, eu estou perguntando a ele. Quem é você, vamos fale.
- Eleuterio - ( fazendo voz de caipira ) Sô pião de nhô Derfonso.
- Delegado - O que é que veio fazer aqui? Porque motivo entrou pela janela?
- Eleuterio - Vi a cavaiada chegá, sabia que nhô Derfonso tava aqui pensei que havia alguma coisa com ele e vinha aqui prá ajudá.
- Delegado - E essa roupa toda rasgada, essas pernas arranhadas, o que quer dizer isto?
- Eleuterio - É que eu tenho andado no mato procurando o moço da cidade que matô nhô Missia. Nhô Missia era meu amigo.
- Delegado - Isso é verdade, dona Chica?
- Chica - ( indecisa ) É...sim senhô...isso é verdade.
- Delegado - Isso é verdade, seu....Ildefonso?
- Ildefonso - É, sim senhô.
- Delegado - ( após uma pausa ) Póde ser verdade mas eu não estou acreditando muito nesta historia. Terpa aí com nossos homens alguém que tenha conhecido o moço da cidade e possa indentifica-lo?
- Uma voz - Tem a moça que nos trouxe aqui. Ela está lá de guarda na porteira.
- Delegado - Faça-a entrar aqui.
- Uma voz - Sim senhor. ( passos )
- Delegado - Aproxime-se da luz.
- Chica - ( baixo ) Quem será a moça, nhô Derfonso?
- Ildefonso - ( baixo ) Quem póde sê? A Ritóca, num póde sê otra. Aquile é um santanaiz.
- Delegado - Parem com os cochichos. Você tem alguma arma?
- Eleuterio - Não sinhô.
- Delegado - Isso aqui o que é?
- Eleuterio - É o rebenque.
- Uma voz - Pronto seu delegado está aqui a moça.
- Chica - ARitóca!...
- Ildefonso - Eu num disse?
- Delegado - Silencio.
- Ritóca - Mecê me mandô chamáa
- Delegado - Mandei.
- Ritóca - Tô aqui ás suas órde.
- Delegado - Olhe para esse homem e veja so o reconhece. Chegue mais perto da luz
- Ritóca - Esse homem... esse home...esse home é.....( ouve-se um estampido um grito de Ritócaa e o baque de um corpo no chão).
- SPEAKER : E Ritóca pagou com a própria vida o seu desejo enorme de vingança. Quem teria matado Ritóca? De onde teria partido esse tiro? É o que saberemos na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje, quando  
(vira)

será irradiado o capítulo final desta romance, mais uma orlação vitoriosa de Roberto Lira para a Rádio Difusora de Porto Alegre.

o vivo  
personas  
dia 1/2/50/50.

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

( CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE ENTRAQUECENDO DEPOIS PARA FALAR A JUNACY )

JUNACY - Roberto Lis e seus artistas apresentam - O quarto e ultimo capitulo do Rancho da Chica Inácia.

( NOVAMENTE A CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE ENTRAQUECENDO PARA OUTRA VEZ )

JUNACY - O Capitulo de hoje terá a seguinte distribuição:

- |                  |   |                            |
|------------------|---|----------------------------|
| Dr. Nuno         | - | Luiz Cataldo.              |
| José             | - | Edmundo Lis.               |
| Nhá Chica Inácia | - | Carmen de -lanosa.         |
| Nhô Ildefonso    | - | Roberto Lis.               |
| Rosinha          | - | Lilia Maria.               |
| Inez             | - | Lynol de Andrade.          |
| Zezeso           | - | Carlos Bord.               |
| Tinoco           | - | <del>Director-geral.</del> |
| Lilico           | - | <del>Director-geral.</del> |
| Olália           | - | <del>artista.</del>        |

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
 DE I.P.  
 DIVISÃO DE RÁDIO-DIFUSÃO  
 APROVADO  
*mmfanz*

Façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenvolvidos no terceiro capitulo desta novela. Rosinha foi, durante a noite, ao Rancho do Val João do outro lado da Lagoa, para saber dele, por intermédio dos seus santos, se Aleuterio ainda vivia ou já estava morto. Obtendo dele a certeza de que seu amado ainda estava com vida, a receirinha regressou para o seu rancho radiante de alegria. Lá, entretanto, uma grande surpresa a aguardava. Chegara da cidade um inspetor da policia encarregado de descobrir o paradeiro do matador de messias e da Virgilio. Seu Ildefonso, que fora ao Rancho de Nhá Chica prevenida da chegada do inspetor e da provavel prisão de sua filha, manda Nhô Babão ao encontro de Rosinha para que ela se refugie num capão situado ao fundo dos campos de sua propriedade mas quando Babão vái á Cocheiras ensinar o alazão para cumprir as ordens recebidas, depara com Aleuterio, todo rasgado e ferido, procurando ocultar-se por detraz de uns fardos de alfafa. Babão que ao principio momento não o reconhece começa, ás ocultas, a observar-lhe os movimentos. Aleuterio procura aproximar-se do rancho e penetrar ao quarto de Rosinha o que facilmente consegue em vista de ter encontrado a janela encostada, mas a casa já estava cercada pela policia que instantaneamente dá o alarme sendo ele preso no interior do Rancho. Ildefonso, porem, querendo ainda salva-lo das garras da policia diz ser ele um dos seus peões. Desconfiando com essa afirmativa o delegado manda chamar Bitóca para que identifique, aquelle homem. Bitóca vem e no momento em que o reconhece e vai dizer a verdade um tiro partiado do interior do quarto de Rosinha deixa-a estendida sem vida. Vamos agora acompanhar dois convidados que se dirigem a uma outra festa no Rancho da Chica Inácia e por eles sabermos o que depois se passou.

( Novamente a caracteristica forte, entraquecendo depois, até desaparecer )

( Ruído de trota de cavalo que serve de fundo a todo o dialogo )

Dr. Nuno - Hoje é isso, meu amigo, tive que arrumar este matango emprestado para vir assistir a festa do casamento de Nhá Chica. Hoje pela manhã quando eles foram ao cartorio para o ato civil, fizeram um tal espenho que eu viesse que não quiz descepciona-los.

José - Hoje entem quando eu cheguei a vila já me falaram nesta festa. Fiquei com muita vontade de vir porque eu gosto muito destas coisas, mas afinal eu não conhecia ninguém e sem ser compreendido ficava pau vir me apresentar sem ter relações com os amigos e sem ter sido convidado. Fiquei contente quando o escrivão me pediu para representa-lo.

Dr. Nuno - É, ele não podia vir. Está com a senhora doente. Hoje de manhã ele já explicou isto aos amigos que eles não quiseram aceitar a desculpa. Você sabe como são essas coisas... a gente de fora tem sempre a desconfiança que o pessoal da cidade quer fazer porco nolas. Foi por esse motivo que o escrivão fez questão de mandar um representante.

- José - É para mim foi uma coisa esplendida. No primeiro lugar porque gosto muito de festas e depois por me uma festa assim pra fóra eu nunca tinha tido oportunidade de assistir.
- Dr. Nuno - Você vai se divertir bastante. Para quem nunca assistiu é uma coisa bem interessante. Danças, cantos, ha muita fartura de bebida... A orquestra voce já sabe, é uma sanfona é um violão... Já estou habituadíssimo. Na qualidade de juiz sou obrigado a comparecer a todas as festas de casamento que se realizam na vila e em todas as redondezas porque elas tem sempre a impressão de que são obrigadas a nos convidar e fazem absoluta questão da nossa presença.
- José - Ah, com certeza, Mas escute uma coisa dr. Nuno, não foi neste mesmo rancho que se deu um grande crime ha alguns dias atrás?
- Dr. Nuno - Exatamente.
- José - É não foi a filha da senhora que casou hoje que esteve ou está presa por causa disto?
- Dr. Nuno - Não, ela já foi solta. Estive detida uns dias. Aliás, estiveram todos detidos. Foram soltos depois que o criminoso se apresentou á prisão.
- José - É um rapaz da cidade, não é isso?
- Dr. Nuno - Não, não foi ele não. Pois eles procuravam dar escapula a esse rapaz acreditando que tivesse sido ele o causador das mortes todas que se deram no rancho e que as tivesse praticado em legitima defesa. Entretanto o verdadeiro assassino dos dois irmãos e depois da moça...
- José - Ah, morreu uma moça também?
- Dr. Nuno - Foram tres mortes em poucos dias. Pois essa moça eu conhecia muito até. A Ritoca. Ela gostava do Messias, o tal que era ativo da Rosinha, e culpava a Rosinha de ter sido a causadora da morte dele. Como o rapaz se refugiou no mato ela começou a fazer todo o empenho que elle fosse preso prá vingar-se da Rosinha porque descobriu que eles se amavam.
- José - Mas se o rapaz não foi o matador do Messias porque razão foi se esconder em vez de se apresentar á autoridade e esclarecer tudo?
- Dr. Nuno - Porque elle proprio acreditava que houvesse sido ele, uma vez que elle havia utilizado o seu revolver. Agora o que todos extranham é que a bala que matou o Messias tivesse entrado pelas costas e não pela frente como era de supor, uma vez que elle investiu de punhal contra o rapaz. Chegamos mesmo a fazer a suposição de que elle ao avistar o revolver do rapaz tivesse dado as costas para fugir quando o outro o alvejou. Outro motivo dele se ter refugiado foi o receio de que os amigos de Messias procurassem fazer justiça pelas proprias mãos, e que realmente procuraram alguns d'los depois. Foi quando foi morto o Virgilio.
- José - É a moça porque morreu?
- Dr. Nuno - A Ritoca, porque quando veio o inspetor da cidade para desliidar o caso e foi ao rancho da Mãe Chica, encontrou lá um homem escondido que eles afirmavam ser um empregado de abo Ildéfense. Como todos ali eram suspeitos e os homens da policia não conhecessem o rapaz que era novo no lugar, o inspetor mandou chamar a Ritoca para identificá-lo uma vez que ella estava tambem muito empenhada em que o rapaz fosse encontrado. No momento que ella ia revelar a verdadeira personalidade dele, um tiro partiu de dentro do quarto deixando-a estendida no chão, morta, quando o assassino tentou fugir pela janela do quarto foi preso pelos guardas que estavam cercando o rancho. Ai então é que foi se descobrir toda a verdade.
- José - É o assassino quem era afinal?
- Dr. Nuno - Era o Bañão, um irmão de criação de Rosinha, muito afeiçoado a ella.

- Apesar de ser um debil mental, era ele o confidente dela e a sua pessoa de confiança para todos os seus casos. Vendo em jogo a felicidade daquela creatura que era todo o seu esboço não trapedou em fazer desaparecer da terra aquelas que poderiam interceptá-la.
- José - É um caso bem interessante. Digno de estudo até.
- Dr. Nuno - É o amor, meu amigo, sempre o amor como causa de todas as alegrias e de todas as tragedias do mundo. É a velha historia que se repete todos os dias. ( pausa em que só se ouve o ruído do trote dos cavalos. Vamos passar agora pela Lagoa Funda. começa-se a ouvir as rãs e os grilos, a principio um pouco distante e depois já mais assentado até ouvir-se atitadamente as silvas e o coaxar) Estamos perto, agora. Estamos a menos de duzentos metros do rancho.
- José - Estou aflito por chegar e ansioso por conhecer os personagens todos deste romance.
- Dr. Nuno - Não demora muito a sua curiosidade será satisfeita.
- José - É Rosinha, afinal, vai casar com o moço da cidade?
- Dr. Nuno - Não creio. Ele foi embora logo que teve liberdade, prometendo que voltava mas os dias se vão passando sem que ele dê qualquer sinal de vida. Rosinha é bonita, ele poderia ter sentido um grande entusiasmo por ela, mas a verdade é que é uma menina sem o menor traquejo de sociedade e eu não acredito que o rapaz fosse capaz de leva-la para a cidade e apresenta-la como sua esposa na roda que naturalmente frequenta.
- José - O amor quando é verdadeiro obscurece todas essas coisas.
- Dr. Nuno - Quando é verdadeiro. Quando é amor. Mas o grande mal dá humanidade é confundir com amor o entusiasmo passageiro de um momento ou a sensação exótica e agradável que o sabor da novidade desperta sempre em nossos corações.
- José - Bem, isso é verdade.
- Dr. Nuno - O amor é de todos os sentimentos humanos o mais facil de ser confundido. (apaga-se o ruído dos grilos e das rãs).
- José - Estou avistando uma luzinha ali adiante.
- Dr. Nuno - É a luz do Rancho. Estamos perto. (ouve-se a sanfona tocar, acompanhada de violão, uma polkinha de fôra. Na ruído de vozes misturadas com a musica mas tudo isto é distancial). Ouça, já se escutam as vozes e o som da acordeona.
- José - ( depois de pausa) É, a festa parece que está animada. Na fogueiras, parece, perto da casa.
- Dr. Nuno - É o churrasco. Carneirua uma vaca, e duas ovelhas.
- José - Estou vendo que a farrá vai ser grossa.
- Dr. Nuno - As festas aí são sempre muito boas. Muita fartura de tudo. Todos dançam e nhá Chica não gosta de ver ninguém triste nem parado.
- José - Então está prá mim. ( pausa em que a musica e as vozes já se percebem melhor.) Ih quanta gente, dr. Nuno. O pessoal está dançando, veja.
- Dr. Nuno - Graças á Deus que estamos chegando. Eu já estava começando a ficar cansado de cavale. O meu auto está na officina ha mais de tres dias e eu fui obrigado a receber ao anzuzo.
- José - Pra vir a pé não dá, é muito distante. Imagine si eu tivesse acreditado no emprego da farmacia e tivesse vindo a pé como ele me disse que dava pra vir.
- Dr. Nuno - Eu sei. Pra eles tudo é muito pertinho, tudo é ali. São duas tres leguas que a gente tem que andar mas eles dizem ali. É um ali as-

- sia com o beijo esticado. O beijo regula a distancia.
- José - ( rindo ) É gostado. ( para a mulher, já bem proximo e wufe-se os aplausos e a gritaria do pessoal. )
- Dr. Nuno - É por aqui a porteira? ( ouve-se um latido insistente de um cão )  
É de casa!
- Chica - Não intrá se é de páiz. Amarre o cavalo na portera e vá intrano.  
( cessa os galope do cavalo. )
- Dr. Nuno - Vamos deixar os cavalos aqui mesmo.
- Chica - Quem tá aí?
- Dr. Nuno - Sou eu, mad<sup>re</sup> Chica, o Nuno. Trago um amigo tambem.
- Chica - Óiz o dotô! Vais entre que o rancho é seu. Sóis já pensava que não vinha mais. Porque é que demoró tanto?
- Dr. Nuno - Pois tive que arranjar um matungo caprestado. O meu auto está se con-  
certando. Olhe aqui, mad<sup>re</sup> Chica, vou lhe apresentar um amigo....
- José - José Encarnação dos Reis.
- Chica - Muito gosto em conhecê. Chica Inácia da Sirvera inhante, de hoje prá  
frente Chica Inácia da Sirvera Basto, uma criada ds ordê.
- Dr. Nuno - Pois o meu amigo José veio representar o escrivão que está com a se-  
nhora dele decente e não ponde vir.
- Chica - Ah, pois é. Vais teje a gosto moço, si o dotô quizé falá com mad<sup>re</sup> D  
Berfonso ele tá lá arreparando o churrasco.
- Dr. Nuno - Pois então eu vou até lá. Vou dar uma espiada nos assados que eu já  
não jantei para entrar de rijo neles. A senhora sabe que eu sou lou-  
co por uma costela.
- Chica - Vais entoes vá lá, num faça birimacha. E mecé moço é a mesma coisa  
que teje em sua casa. O amigo do dotô aqui na minha casa é sempre  
bem arrecebido.
- José - Muito obrigado.
- Chica - Vô chamá a minha fia pra múde apresentá mecé. ( chamando ) Rosinha,  
vem cá. Dispois ela apresenta mecé aí pras otras moça pra múde mecé  
dancá com elas todo.
- Rosinha - Mecé se chama, não?
- Chica - Chamei, sim. É pra apresentá mecé pro moço aqui que é amigo do do-  
to Nuno.
- Rosinha - Muito gosto em conhecê.
- José - Muito obrigado. Muito praser. José Encarnação dos Reis.
- Chica - Tá não, minha fia, mecé fica aí tomam conta do moço que eu vô dá as  
purvedença pra múde servi essa gente de bibida e de cumê. Cê dispois  
serve ele tambem.
- Rosinha - Tá bom, não, eu sirvo. Mecé qué tomá alguma coisa?
- José - Por óra não. Mais tarde aceito.
- Chica - ( se longe ) Bem vê essa mulher tá muito parada. O campade aí dá a  
suafeira só qué bebê os trago de piaga e tomá num qué. Bem vê, to-  
que alguma coisa.
- Inez - Bem dancá uma portinha de velco, passad.

- TÓBOS - Isso não, não p'likinha de velho.
- Chica - Para uma ançada, fora eu im buscá o meu vóio que ele tem que dançá tambem. (afastando-se do microfone e chamando sempre). Derfonso! Derfonso. Vem cá, bato dançá a parca de velho. Tu é o novante tem que dançá.
- José - Você quer ser o meu par?
- Resinha - Se você quiser...
- Inez - Bem vê, Tinoco, cepece aí duas veis.
- Resinha - Para um ançada, Inez, a mãe pediu pra saberá que ela foi buscá não Derfonso pra sede ele dançá tambem.
- Inez - Mas ançada de moço começa a esculá de novo pá. Com a sanfona parada elas sua tira a gosto.
- Deroco - Quem que dançá, anigo, não Inez?
- Inez - Vai, tá na sua vontade.
- Deroco - Vais entonces não se acompanhava com n'vo e se aparecer pra sede sacudi an casa sua. Tu quanto dança se espunje muito.
- Inez - Veja lá, ele que eu hoje hutei certo arte pela primeira veis.
- Chica - Tá aqui o vóio, pulmo lapaçá.
- Inez - Mãe tava só esperando por você pra lapaçá o pulmo de começo do principio, não Derfonso.
- Ildefonso - Bueno, pois entonces principiam. Tu tá aqui. Tá virei intá se espou pra sede não iradá na sala das poltronas.
- Resinha - Sede você, não Tinoco.
- Tinoco - É que é que você que eu toque?
- Chica - Toque na parca que as moça que dançá a parca de velho. (ouve-se o som da sanfona e da viola)
- Ildefonso - Bem vê ançada. Ninguém pôde rir para pulmo certo de rancho es-taqueando o tito que ele sua vai cá. Bem vê, Lipardo, tem muita moça assent lá. Via ali duas moça dançando uma só otra, ocieis num tem vergonha? Bem, bem vê você aí, Sundingo e Lillio, vão apar-tidá as duas ali, aninha. (pausa) Via a vóio, via a vóio só como se saculaja.
- Chica - Vai, qual é o par?
- Ildefonso - Veja o exemplo, ançada, ocieis tão se rinda? Mãe como vóio das b'ho tempo. A morte é de agarrá vóio mas é de se rindo e brincado.
- Chica - Via esse ançada aí não Tinoco, fazete parquera na portada, anota ele pra rua.
- Ildefonso - Para aí que eu certo com ele, bato fôra, ançada. Sta caserro ai-beravi, sem vergonha. Tanto lugar lá fôra, na rua. (a musica segy toando).
- Inez - (após uma pausa) Para a musica pra gente lapaçá a sede de velho.
- Chica - Para não Tinoco. Principiam você, não Inez, que tá tão ançada.
- Inez - É você primeiro, ançada.
- Deroco - Na beraba daquela ançada eu te encontrarei certo dia, dia de entonces minha vida se dimodá de alegria. (palmas, vivas)

- Inez - Na vida hay tanta tristeza  
que a gente as vezes nem aguenta,  
si pudé lo dá alligria  
eu fico muito contenta. ( palmas, vivas, risos)
- Ildefonso - A Inez soube dá a resposta boa na altura da briganta.
- Chica - A Inez é destruida. Sempre foi. E vê a mãe dela, a fallida.
- Ildefonso - ( após uma pausa em só se ouve a musica) Para a gaita. Entra mesé Lilico.
- Lilico - Conheço a petranca fina  
pela a llaura de pelo  
conheço bem as minina  
pela só do seus babelo. ( palmas vivas etc.)
- Ildefonso - Já Glúlia, bamo vê a resposta.
- Chica - Agora é que eu quero vê. A Glúlia é amarrada, nun é como a Inez.
- Glúlia - Si ve fixesse a coma coisa,  
prá cunhacê Jusa ou Léca  
que mesé tava latilada  
pruque mesé é curéca. ( gargalhadas, palmas e a musica segue)
- Ildefonso - Mesé tava dizendo que ela era amarrada. Vio só que basta ele seu cabelo?
- Chica - Pois inté tó admiravel!
- Ildefonso - Entra mesé, Rosinha.
- Rosinha - Não, não Ildefonso, primeiro você, depois como nós.
- Ildefonso - Mesé tá querendo corar? Tá boa os véio vai lá. Para a musica, seu galitão. ( para a gaita)
- Tô satisfeita com a vida  
pela mãe que me deu.  
Foi uma surpresa,  
mas é que mais quero eu? ( palmas risos vivas)
- Chica - É desagrado para aí que tu vai vê.  
É que mesé diz de sua véia.  
ou nem digo de nenhuma,  
pruque eu nun só sou de porco  
que tira os caro não sou. ( palmas risos vivas)  
( resposta a gaita)
- Lilico - Mã Glúlia deu na cabeça do véio, agora.
- Inez - Tu pensa que ela é de bêtiquado? Mã Glúlia é mais bone que muito bone  
me que anda por aí.
- Ildefonso - Já desagrado do cachorro outra vez. Corre lá dá mesé Lilico.
- Lilico - Pansa fóra, cachorro.
- Chica - Bamo Rosinha, agora é tu.
- Rosinha - Primeiro é mesé, depois eu arrependo.
- José - Está muito bom.
- Ildefonso - Bamo vê, seu galitão, para a musica que o mesé vai faldá. ( musica  
para)
- José - Gosto das flores amarelas  
porque tem simplicidade  
e são tão belas e delicadas  
como as flores da cidade. ( palmas, vivas, risos)

- Chica - Dado vô, minha fia, arrepende. Anastro que tu é fia da tua mãe
- Ildefonso - Ai, Rosinha, apincha pra rima dele uma reporta.
- Rosinha - A frô que nasce no campo  
no campo deve vivá,  
pruquê o solo da cidade  
faz a murahá e marré. ( palmas, vivas, etc.) ( para a gaita)
- Ildefonso - Cuss é, nhô Tineco, aventure.
- Tineco - Tô casado, nhô Derfonso. Vô pará um suado.
- Ildefonso - Ara deve disse, bone. Farta muita gente ainda pra dizê veico.
- Chica - Ora e bone temancô, nhô Derfonso. Vô pará que toco num canaf  
Vai pegá uma sanfona pesada daquelas pra meco vô só. Para, nhô  
Tineco, vai toco uma pinga lá no garbão, dispois meco vorta e prin-  
ci para de novo. Fala pro Colotirdeu dá uma pinga pra meco, sin que  
fui eu que mandei. "as bone de Deus, nhô Derfonso, e o dotô Nuno  
adonde é que ficou que eu num vi mais.
- José - Não se preocupe. O Dr. Nuno está lá juate de churrasco, comendo e  
bebendo chopp. Está como quer.
- Chica - E meco é que é que faz que num vai tombar cumô um sustelinhá? Le-  
va ele Rosinha. Deserto e meco tá inchado. Precura veiz que ven  
ai.
- Rosinha - Meco qué via?
- José - Vante, sin. Eu acito na copinha de chopp que estou com sede.
- Chica - Vai lá, Derfonso, vá e atende o meco. Vai lá e atende de meco. Eu  
num quero que dispois essa gente saia da minha casa diseno que veio  
aqui pra sede passá fome.
- Ildefonso - Tá véia. Nua se agaste que eu já vô.
- Chica - ( falando para alguém que se afasta) Mas vejo lá, num vá meco se  
metê a bebê que osê num pôe. Ia ataca on figo ai lo dá um passio  
e fia eu viuva otra veiz. E eu num se casei pra tá cuidano de du-  
ento. Me casei pra tô quem guida de sin e tor meus peucio. (natu-  
ralmente) Si a gente num bôta sintiso essas veis num qué perde  
proa meco dispois da mente e nuid é que se aguenta.
- Inez - Nhô Chica, quando é que se atuda pro rancho de nhô Derfonso?
- Chica - Anichê meco. Paroiso tirá a Rosinha daqui. Foi ditê mais por cause  
dispo que arreporvi de cusá tã logo. Nhô Derfonso quiria tirá ela  
daqui e levá pra lá. Eu num quiria se recuperar dela e pra ia tom-  
ba meco vô que já o povo ia fald e usa nuid véia difamada é cou-  
ba muito triste. Ai garrei arreporvi e sauce ansim casando muito  
logo e já ia pra lá de veis.
- Inez - Foi aió meco.
- Elalia - Esculte aqui, nhô Chica, faça o Zaxeco cantá. A meca tudo tá pi-  
dindo.
- Chica - Cai, pruquê é que sin num pôe pra eloi?
- Elalia - Sin num tem corage.
- Chica - Temancau nuid ai tem medo de fald a sin meco. Strus coisa ocels nu  
tem medo de fazê. Camilina meco, vai cantá.
- Beasco - Tu tá muito sem inculco, nhô Chica.
- Chica - Bone de osê jurgado. Vá cantá uma veiz. Osê fald isso é de facer  
pra sede a gente torá a vida.

Zezece - Tá bõ, pra mecaie que fied passano que é ansia ou vo cantá quarquô bobage.

Inoz - Uma varsa, Zezece. Tu gosto de varsa!

Zezece - Tá munte bon, vô le lass os gosto. Vô cantá uma varsa. Xavé a viola daí.

Chica - Tá, conta duas vaiz. (Zezece começa a cantar uma vaiz ou uma toada cartabeja. A principio a voz dela está perto e depois serve de fundo para o dialogo seguinte)--.XXXXX

SYLAKEN - Deixemos Zezece cantando, para encurtamento de todas as cabodlinhas que se encontram na festa e acompanhemos nhô Ildefonso que percebendo a retirada de Rosinha sai-lhe no encalço, vindo encontra-la sentada numa pedra, á beira da lagõa funda, entregue á sua grande tristeza que não lhe abandona nunca. (Ruido de rãas e de grilos.)

Ildefonso - Rosinha!

Rosinha - (num susto) Crede! que susto, nhô Ildefonso.

Ildefonso - O que é que você tá fazendo aqui Rosinha, minha fia?

Rosinha - Nada, nhô Ildefonso. Tava aqui assuntano e olando a lua se arrifri-tí as aguas da lagõa.

Ildefonso - Rosinha, que é que você tem? Praque nem conta pra mim?

Rosinha - Nhô Ildefonso, diçõ memo o que eu tamo na posoi, praquê pra dizê bon verdade eu memo não sei o que tenho. É uma ingunia, uma coisa, uma tristeza tão grande que eu só tamo chorado de chorá, chorá, eu só intô chorá.

Ildefonso - Fobre da minha fia. Tôa alegre que imante era. Havia de se fa-se isso tudo pra não fied ansia desse jeito. E amb, quando a gente é moga ansia como você, só trata lagunia pra gente.

Rosinha - Mho Ildefonso, deixo eu deitá a minha cabeça no seu peito. (já chorando) Tu quero chorá incostada em meô, nhô Ildefonso. Tu sinto niciedade de chorá as minhas magua sinão meu peito não pôde mais suportá tanta do. Tu tó triste, nhô Ildefonso praque eu sei que ele foi embora pra não voltá mais, nunca mais. O meu coração dia baxinho, só pra não ovi, que ote vai se casá com otra sem se lembrar que se ficou aqui chorando por causa dele. Ele disse que voltava. Prometeu que ia viria mas não voltou nem incoreveu. Ele tem otra, nhô Ildefonso. Ele vai casá com ela e eu vô morrer de tristeza nesse lugá mardicada que é ingunia um feio eu passá. (pausa longa, soluços de Rosinha) Nhô Ildefonso, diga que ele volta. Diga que ele bon se baseá. Minta pra mim nhô Ildefonso, imante que eu morra de dô. (soluço)

Ildefonso - após uma pausa longa em que se ouve o som de grilos, as rãas e voz de Zezece cantando ao longe acompanhada de violão)

Rosinha, deite a cabeça  
no colo do seu padrasto.  
Nesse é hora, flinã,  
em susseco os assungano;  
eu essa vida já arrastô  
na mais de necessada amo!  
Tu bom quita, Rosinha,  
pra não meca se curá  
dize pra mim que ele volta  
mas eu sei que não adianta  
botá agua numa planta  
diçõis que ela já tá morta.  
Tenho pena, muito pena,  
de sofrimento de você!  
Uma lagunia danada  
de passá a noite acordada,  
passá e dia sem cumé,  
é a pié lagunia que na vivente pôde tá.

Si eu pudesse ver o plano  
 desses eis de criança  
 si eu pudesse de esperança  
 de um dia inda vortá  
 eu ficava bem contente.  
 Mas nintá é coisa feia  
 que Deus castiga a quem faz  
 pela Luiz que se aluscia  
 que ale aqui nos vorta mais (soluço)  
 mas se esqueça, Rosinha,  
 de tudo que se passou  
 faz de conta que oê teve  
 um sono muito bunito  
 e de repente acordô.  
 Num xeje oê a mariposa  
 que avua na vorta da veia  
 ou da luz do lampião  
 e dispois trieta e caçada  
 fica como uma queimada,  
 morta instantida no chão.  
 Nunca se deve quere  
 pegá as instrela com a mão.  
 Cedaceu receirina  
 no campo deve vive  
 o bulleio da cidade  
 num traiz a felicidade  
 dum receiro, oêde ére.  
 A vida é grande, Rosinha,  
 mas Deus é muito mais  
 e se oêde hoje tá morta  
 daqui um tempo se de vê  
 que Deus quiz foi inserevê  
 derotte por lichen torta.  
 Bamo liapá esses cinho.  
 Dexe as lembrança pra traiz.  
 Nesse sinhô Jisus Cristo  
 ofreu tanto máx e tanto mais!  
 Mas esqueça, Rosinha,  
 de tudo que se passou  
 faz de conta que oê teve  
 um sono muito bunito  
 e de repente acordô! (pausa) (solução fracos de  
 Rosinha e solice ao fundo)

- Chico - (gritando) Nhô Berfense, Rosinha, aliunde é que accela si metou  
 diabos!
- Rosinha - (fugando e procurando falá ao natural) A mãe tá chamando nós,  
 nhô Berfense, bamo.
- Ildefonso - Bamo sim, bamo vortá pra lá. E ~~oê vai se proaste que vai cal no~~  
brinquedo e perdurá se esquece. ~~oêde o solice das rêsas e grilo!~~  
e a musica dessa tambem.
- Rosinha - É de fazê o passivo, nhô Berfense. oêde se agrante que oê é de  
esquece um dia? (o paião da infância e das rêsas se aproxima)
- Ildefonso - Tanto oitosa, Rosinha. o tempo é o mió remedio pra corá firta de  
 nam querê. Agora oêde tem que ri, se acastará bem alegre que é pra  
 esse ninguém adicencia que oêde teve oitosa por causa dele.
- Chico - (apresentando-se junto com o paião da infância) Aliunde é que  
 oêde tava que a conta oêde se perdurá por aqui?
- Ildefonso - Yui levô a Rosinha no bota da lagoa pra mãe eia fazê a rosa da  
 promessa que ela tem.
- Chico - Oêde drita tá avisado. Mas custava mais a gente aqui já tava  
 lá tá acostumada. Perdurei por toia a parte que achava.
- Ildefonso - oêde já tava pensando que tinha rapetado o seu caso veia., hein?

- Fale a verdade.
- Chica - Não parece bobo, não Defonso! Biscoito bobage aí na frente dos outros. Tu chamei mesmo porque quis a farsa.
- Ildefonso - Eu num tô dizendo que essa via é de não tempo? Biscoito, toca qualquer bobagem que a via que saculejá o quarto. Viva a minha via, pensá.
- Todos - Vivooooooooooooo! (sope um polka da raça na sanfona)
- Ildefonso - Viva na moça e os noço tudo aqui presente!...
- Todos - Vivooooooooooooo!...
- Ildefonso - Viva o gaitero que vai tocá pra após dançá!
- Todos - Vivooooooooooooo!...
- Chica - Viva o meu caso véio também!...
- Todos - Vivooooooooooooo! KKKKKKK
- Ildefonso - Olá tá o diabo do caso otra vez na portada. Biscoito fôra cusco, desgraçado! O ruído vai diminuindo sempre até desaparecer.
- JURACY - É a festa foi até o romper do dia para alegria e satisfação de todos os convivas. A Sesiinha estava triste, embora prossequisse dançando e sorrindo a todos que lhe falavam. Sorria, sorria sempre, mas dentro do seu peito adolescente, a dorção soluçava desesperadamente a primeira debilidade da sua vida. Curiram o último capítulo do Banho da Chica Inácia que obedecerá hoje á seguinte distribuição.
- ( Repete a distribuição, recordando cada um o seu nome )

Prestarão também o seu concurso a este programa : Juracy de Oliveira com Locustere e o regional da PRFD.  
A sanfonia estava a cargo de Villy Rodrigues.

ROBERTO LIL E SEUS ANCIANOS APRESENTARÃO : O Banho da Chica Inácia!

( Característica forte para o fim do programa )